

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

ALEX MARCOS BATISTA LINS

DIALETOLOGIA EM SALA DE AULA: O ENSINO PARA ESTUDANTES DE
LÍNGUA JAPONESA

BRASÍLIA

2021

ALEX MARCOS BATISTA LINS

**DIALETOLOGIA EM SALA DE AULA: O ENSINO PARA ESTUDANTES DE
LÍNGUA JAPONESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras – Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília – UnB.

Orientado: Profa. Dra. Yuko Takano

BRASÍLIA

2021

ALEX MARCOS BATISTA LINS

**DIALETOLOGIA EM SALA DE AULA: O ENSINO PARA ESTUDANTES DE
LÍNGUA JAPONESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras – Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Profa. Dra. Yuko Takano

Data da defesa: 14 de maio de 2021

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Yuko Takano – Universidade de Brasília

Examinadora: Profa. Dra. Alice Tamie Joko – Universidade de Brasília

Examinadora: Profa. Me. Kaoru Tanaka de Lira Ferreira – Universidade de Brasília

À minha família que se mostrou presente em todos os momentos e me ensinou humildade e coragem, a todos os professores que me instruíram ao longo da minha vida me dando a maravilhosa oportunidade de estar onde estou hoje. A minha companheira que com sua perseverança inquebrantável, não permitiu que nada nos abalasse me tornando mais forte.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e minha e Santa Clara, que auxiliaram minha durante todo esse percurso, me concederam garra, resiliência e aptidão para que nada me impedisse de dar continuidade ao meu sonho.

Às Profas. Alice Tamie Joko e Kaoru Tanaka de Lira Ferreira, integrantes da Banca Examinadora, por me instruírem de maneira precisa e me fornecerem contribuições importantíssimas para a composição da pesquisa.

Aos Participantes da pesquisa, que me auxiliaram de coração aberto sem pedir nada em troca e assim pude realizar a presente pesquisa de maneira precisa.

À minha professora e orientadora Yuko Takano, que ao longo de todos esses semestres juntos sempre zelou por todos os seus alunos e instrui a todos com muito amor pelo que faz, assim como fez por mim, a senhora tem minha admiração, e se um dia eu me tornar metade da professora que a senhora é então nesse dia serei um grande professor.

Aos meus queridos professores Malcon Douglas da Silva Costa e Veryanne Couto Teles, que sempre acreditaram e confiaram em mim, sempre se esforçam ao máximo para fazer com que eu fosse capaz de alcançar voos maiores, e nunca deixaram de me auxiliar.

Aos meus amigos Joshua Sabino, Alfredo Cardoso e Wesley Oliveira e a todos meus colegas de curso que me apoiaram e deram suporte para que mesmo em situações difíceis eu sempre pudesse dar continuidade aos meus estudos, assim me ajudando de coração aberto sem pedir nada em troca.

À minha companheira Cristina Aparecida Souza Duarte, que sempre me ajuda, me dá suporte e mesmo que sem perceber de mim, não deixa nada abalar seu maravilhoso sorriso e mesmo em momentos onde parece estar sem saídas, ela sempre brilha mais forte se tornando meu porto seguro.

Aos meus irmãos Allan Matheus Santana Batista Lins e Alaina Marta Batista Lins por nunca permitirem que eu me desanime ao longo dessa árdua caminhada e por mais difícil que estivessem as coisas sempre me faziam sorrir e seguir em frente.

Aos meus pais Rose Mary Santana Batista e Alcenir Marcos Lins por me ensinarem humildade, respeito e acima de tudo força de vontade, para que eu pudesse prosseguir sem me abalar, para que eu conseguisse ser a pessoa que sou hoje.

As minhas tias Maria do Socorro Santana Batista e Maria de Fátima Santana Batista que com seus esforços sempre me auxiliaram em todos os momentos para que eu sempre

pudesse dar meu melhor, mesmo que tivessem que se sacrificar em alguns aspectos para me ajudar, nunca me deixaram sem suporte.

À minha avó Isabel Santana Batista que com seu amor incondicional sem ao menos perceber faz da minha vida uma experiência maravilhosa sempre me acolhe e mesmo que sem perceber me oferece um amor e um carinho tão grande que levaria duas vidas para conseguir retribuir tudo que ela me dá, e também aos meus tios que sempre em momentos difíceis nunca perdem o bom humor.

Muito obrigado a todos que acreditaram e confiaram em mim e iluminaram meus caminhos nesses tempos difíceis.

RESUMO

Ao longo do curso de Letras Japonês na Universidade de Brasília, as variações de língua japonesa consideradas não padrão não são apresentadas em sala de aula. Sendo um curso de licenciatura que tem por objetivo formar professores de língua japonesa, é importante que os mesmos tenham conhecimento de que a língua japonesa apresenta variedades linguísticas, dentre elas, a variedade diatópica. Visto que o currículo atual não atende as Orientações Curriculares para o Ensino Médio que preveem “[...] ao impor uma normatividade ou modelo único, marginaliza e elimina as variantes socioculturais e de linguagem que naturalmente compõem qualquer língua e qualquer cultura.” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006 p. 108.), não conduz o aprendiz aos letramentos heterogêneos e múltiplos que o preparam para se tornar um profissional capaz de agir em situações novas e imprevisíveis. Nessa perspectiva, para que os alunos tenham uma compreensão básica dessas variações, cabe ao curso mostrar nas disciplinas a existência desses fenômenos. Diante do exposto, está pesquisa apresenta o seguinte objetivo geral: identificar como o estudo de variação diatópica pode contribuir para o ensino de língua japonesa e os objetivos específicos são: i) Verificar o nível de compreensão da variação diatópica da região de *Kansai* dos alunos de Letras Japonês da Universidade de Brasília.; ii) Identificar havendo diferenças em níveis de compreensão da variação diatópica, identificar qual é o fator ou quais são os fatores que levou ou levaram a esse resultado.; iii) levantar o que os alunos colaboradores desta pesquisa pensam a respeito da importância do estudo da variação diatópica no ensino de língua japonesa. Para desenvolver esta pesquisa recorre-se aos estudos teóricos que explicitam sobre a dialetologia (MONTEIRO, 1989.); o conceito de dialeto (SOARES, 2012.); fatores que podem ocasionar a variação linguística (FARACO, 2002.), focalizando a variação diatópica (SILVA; SMITH, 2012.); as variações linguísticas no Japão e variação da região de *Kansai* (SÖDERGREN, 2014.) e, por fim, as implicações das variações linguísticas no ensino de língua estrangeira (PONTES, 2014.). Na metodologia desta pesquisa utiliza-se a pesquisa exploratória de cunho qualitativo e, para facilitar a leitura das respostas obtidas nos três questionários aplicados, utiliza-se gráficos que contêm dados quantitativos. Foi solicitado aos participantes alunos e ex-alunos da Universidade de Brasília pelo Curso de Letras – Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa totalizando sete participantes dos quais quatro tiveram experiência de intercâmbio durante a graduação que assistissem trechos retirados de um filme chamado *Toire no Kamisama* com o primeiro vídeo contendo de vinte minutos e dois segundos e respondessem o questionário aplicado, depois assistissem segundo com cinco minutos e vinte e oito segundos e respondessem o segundo questionário onde foram retiradas as legendas em português, e por fim o último vídeo com os mesmos cinco minutos e vinte e oito segundos agora legendados e, em seguida, respondessem ao último questionário. As respostas a esses questionários compõem o *corpus* que possibilitou a coleta de dados da presente pesquisa. Todos foram aplicados de maneira remota, seguindo assim as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) em decorrência da situação pandêmica causada pelo vírus COVID-19. Os questionários foram elaborados na plataforma *Google Forms* e aplicados aos participantes. A análise de dados demonstrou que todos os participantes compreenderam a conversa em dialeto, de maneira geral, mas, ao ser solicitado que entrem em detalhes, mesmo participantes que foram para o Japão consideraram sua compreensão ruim, porém dentre esses, quem ficou exposto à variação apresentada no vídeo teve melhor desempenho em relação a demais participantes que não tiveram a mesma experiência. Isso vem a confirmar a importância de os futuros professores de língua japonesa terem contato com as variações e, dada a impossibilidade de todos os alunos passarem um período no Japão durante a formação, cabe ao curso incluir esse tópico no seu currículo.

Palavras-chave: Dialeto. Dialetologia. Variação Diatópica. Ensino de Variação no curso de Letras-Japonês. Formação de professores de língua japonesa.

ABSTRACT

Throughout the Japanese Language course at the University of Brasilia, Japanese language variations considered non-standard are not presented in the classroom. As a degree course that aims to train Japanese language teachers, it is important that they are aware that the Japanese language has linguistic varieties, among them, the diatopic variety. Since the curriculum does not meet the Curriculum Guidelines for Secondary Education, which provide “[...] by imposing a single normativity or model, it marginalizes and eliminates the sociocultural and language variants that naturally make up any language and any culture.” (Curricular Guidelines for Secondary Education, 2006 p. 108.), does not lead the apprentice to heterogeneous and multiple literacies that prepare him to become a professional capable of acting in new and unpredictable situations. In this perspective, for students to have a basic understanding of these variations, it is up to the course to show the disciplines the existence of this phenomena. Given the above, this research has the following general objective: to identify how the study of diatopic variation can contribute to the teaching of Japanese language and the specific objectives are: i) To verify the level of understanding of the diatopic variation in the Kansai region of students from Japanese at the University of Brasilia ; ii) Identify if there are differences in levels of understanding of the diatopic variation, identify what is the factor or what are that led or led to this result; iii) to gather up what the collaborating students of this research think about the importance of studying diatopic variation in Japanese language teaching. To develop this research, theoretical studies are made explicit about dialectology (MONTEIRO, 1989.); the concept of dialect (SOARES, 2012.); factors that can cause linguistic variation (FARACO, 2002.), focusing on diatopic variation (SILVA; SMITH, 2012.); linguistic variations in Japan and variation in the Kansai region (SÖDERGREN, 2014.) and, finally, the implications of linguistic variations in foreign language teaching (PONTES, 2014.). In the methodology of this research, exploratory research of a qualitative nature is used and, to facilitate the reading of the answers obtained in the three applied questionnaires, graphs containing quantitative data are presented. Participants were asked students and alumni of the University of Brasilia for the Language Course - Degree in Japanese Language and Literature, totaling seven participants, four of whom had exchange experience during graduation. to watch excerpts taken from a film called *Toire no Kamisama* with the first video containing twenty minutes and two seconds and answer the applied questionnaire, then watch the second one with five minutes and twenty-eight seconds and answer the second questionnaire where the subtitles were removed in Portuguese, and finally the last video with the same five minutes and twenty-eight seconds now subtitled and then answered the last questionnaire. The answers to these questionnaires make up the corpus that made it possible to collect data from the present research. All were applied remotely, thus following the guidelines of the World Health Organization (WHO) due to the pandemic caused by the virus COVID-19. The questionnaires were prepared on the Google Forms platform and applied to the participants. Data analysis showed that all participants understood the conversation in dialect, in general, but when asked to go into details, even participants who went to Japan considered their understanding poor, but among those, those who were exposed to variation presented in the video performed better than other participants who did not have the same experience. This confirms the importance of future Japanese language teachers having contact with the variations and, given the impossibility for all students to spend a period in Japan during training, it is up to the course to include this topic in their curriculum.

Keywords: Dialectology. Dialect. Diatopic variation. Teaching Variation in the Japanese Language Course. Training of Japanese language teachers.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Auto avaliação dos participantes.....	16
Gráfico 2 – Auto avaliação referente a vocábulo	17
Gráfico 3 – Auto avaliação referente a gramática.	17
Gráfico 4 – Auto avaliação referente a fonética e fonologia.....	18
Gráfico 5 – auto avaliação após coleta de vocábulos.	20
Gráfico 6 – Estudo da língua não padrão.	21
Gráfico 7 – Professores e <i>Hogen</i>	23

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1	18
Excerto 2	18
Excerto 3	18
Excerto 4	19
Excerto 5	19
Excerto 6	19
Excerto 7	20
Excerto 8	20
Excerto 9	20
Excerto 10	21
Excerto 11	21
Excerto 12	21
Excerto 13	22
Excerto 14	22
Excerto 15	22
Excerto 16	22
Excerto 17	22
Excerto 18	22
Excerto 19	23
Excerto 20	24
Excerto 21	24
Excerto 22	24
Excerto 23	24
Excerto 24	24
Excerto 25	25
Excerto 26	25

LISTA DE TABELA

Tabela 1 Organização dos Participantes 14

LISTA DE SIGLAS

1IW	Participante 1 que fez intercâmbio para a cidade de Wakayama.
2IT	Participante 2 que fez intercâmbio para a cidade de Tóquio.
3IT	Participante 3 que fez intercâmbio para a cidade de Tóquio.
4IC	Participante 4 que fez intercâmbio para a cidade de Chiba.
1NI	Participante 1 que não fez intercâmbio.
2NI	Participante 2 que não fez intercâmbio.
3NI	Participante 3 que não fez intercâmbio.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Contextualização	1
1.2 Problema.....	1
1.3 Justificativa	2
1.4 Objetivos.....	2
1.4.1 Objetivo geral.....	2
1.4.2 Objetivos específicos.....	2
1.5 Organização do Trabalho	2
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
2.1 Dialeto.....	4
2.2 Dialetologia	5
2.3 Diaeto.....	5
2.4 Variação Linguística	5
2.5 Variação Diatópica.....	6
2.6 Variação na Língua Japonesa.....	7
2.7 Variação linguística no ensino de língua estrangeira.....	8
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	10
3.1 Abordagem da pesquisa	10
3.2 Procedimentos metodológicos	12
3.2.1 Contexto da pesquisa.....	12
3.2.2 Perfil dos colaboradores	12
3.2.3 Instrumentos de Pesquisa.....	13
3.3 Considerações éticas.....	15
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS.....	16
4.1 Percepção dos participantes quanto à variedade diatópica apresentada.....	16
4.2 Identificar havendo diferenças em níveis de compreensão da variação diatópica, identificar qual é o fator ou quais são os fatores que levou ou levaram a esse resultado	20
4.3 Levantar o que os alunos colaboradores desta pesquisa pensam a respeito da importância do estudo da variação diatópica no ensino de língua japonesa.	22
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5.1 Retomada dos objetivos da pesquisa	26
5.2 Contribuições da pesquisa	26
5.3 Limitações da pesquisa.....	27

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	28
APÊNDICES	30
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AUTO AVALIAÇÃO.....	30
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DE VOCÁBULOS.....	34
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO FINAL	36
ANEXOS.....	38
ANEXO A – RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES REFERENTES AO QUESTIONÁRIO DE AUTO AVALIAÇÃO	38
ANEXO B – RESPOSTA DOS PARTICIPANTES REFERENTES AO QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DE VOCÁBULOS.....	45
ANEXO C – RESPOSTA DOS PARTICIPANTES REFERENTES AO QUESTIONÁRIO FINAL.....	49

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A presente pesquisa se deu origem devido ao interesse do autor na área de dialetologia, cujo ensino poderia fazer parte do curso de formação inicial de professores de língua estrangeira. Essa inclusão contribuiria sobremaneira para que o futuro professor reconheça as variedades de língua e passe a compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso. Um professor assim formado poderá direcionar a educação brasileira para a “formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BNCC, 2018).

Ao se aprender uma língua alvo deve-se ter em mente que o idioma está completamente entrelaçado na cultura das pessoas que o utilizam, e se pensando em cultura, costumes e história de um determinado povo, logo sabemos que a língua sempre está em constante evolução. Para a realização da presente pesquisa, foi selecionado o dialeto da região de *Kansai* devido ao fato de ser mais próximo a variação da língua japonesa considerada *standard*.

O mesmo acontece com a linguagem utilizada por determinado povo, apresentado variedades em decorrência de: tempo, nível de formalidade ou como se observa no presente trabalho causada também pela região onde os falantes nativos se encontram, pois sentimos a necessidade de comunicarmos com o próximo tudo aquilo que nos rodeia assim rotulando o meio onde estamos inseridos.

1.2 Problema

Ao se estudar determinada língua não é incomum de ter uma busca maior pela versão *standard* da mesma, devido a várias causas e a mais comum de se encontrar são a consideração que as demais variações não têm valor para serem aprendidas ou ensinadas Ministério da Educação (2006).

Isso se deve ao fato de muitas variações sofrerem certo preconceito, por exemplo de não agregar valor no discurso do falante, fazendo com que seja rotineiro deixar as variações de lado, ou apresentá-las de maneira resumida como uma mera curiosidade e não atribuindo o devido valor.

1.3 Justificativa

A pesquisa se torna essência porque um curso de licenciatura em língua estrangeira está formando falantes de uma língua e também professores da mesma e como assinaladas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2006. p. 134). “...É preciso que a escola atue no sentido de evitar dicotomias simplificadoras e reducionistas e que permita a exposição dos estudantes à variedade sem estimular a reprodução de preconceitos...”. Isso deixa claro que ao ensinar uma nova língua, além da variedade considerada como *standard* deve também apresentar para os alunos os demais dialetos, não de maneira que os torne uma curiosidade sem o peso histórico-cultural que esses carregam.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

O objetivo da presente pesquisa é verificar de que forma o ensino da variação diatópica do japonês pode contribuir para a formação de professores de língua japonesa.

1.4.2 Objetivos específicos

a) Verificar o nível de compreensão da variação diatópica da região de Kansai¹ dos alunos de Letras Japonês da Universidade de Brasília.

b) Identificar havendo diferenças em níveis de compreensão da variação diatópica citada no item anterior (a), identificar qual é o fator ou quais são os fatores que levou ou levaram a esse resultado.

c) Levantar o que os alunos colaboradores desta pesquisa pensam a respeito da importância do estudo da variação diatópica no ensino de língua japonesa.

1.5 Organização do Trabalho

O presente trabalho tem enfoque na dialetologia, e o ensino de variação linguística em um ambiente de ensino da língua japonesa, como já citado. No presente capítulo, se encontra a

¹ Uma das regiões do Japão que se localiza mais ao sul da ilha principal.

contextualização, problema, justificativa, objetivos, pergunta de pesquisa e pôr fim a organização deste trabalho.

O segundo capítulo, de fundamentação teórica, aborda a dialetologia, uma breve explicação sobre a função desta ciência e um resumo sobre sua origem no Brasil. Trata-se também da função do dialeto e como se pode categorizar determinados dialetos. E depois, aborda a variação linguística e quais os fatores que podem ocasionar o surgimento da mesma. Logo após, detalha sobre uma das ramificações da variação, a variação diatópica. Um breve conceito sobre a variação diatópica da região de *Kansai*. Finaliza o capítulo com considerações sobre as implicações do ensino de variação linguística no ensino de língua estrangeira (GÖSKY; COELHO. 2009).

O terceiro capítulo detalha sobre a abordagem escolhida para a análise de dados, isto é, trata-se de procedimentos metodológico. A pesquisa é exploratória, e aborda conceitos sobre o que se refere a pesquisa qualitativa e quantitativa que foram adotadas a esse trabalho para a análise dos dados coletados. Também é mostrado o contexto de como se pensou em realizar a pesquisa, se utilizando do filme *Toire no Kamisama*. Seguindo mostra o perfil dos colaboradores da pesquisa e instrumentos que foram utilizados para a coleta de dados de maneira remota, em decorrência a pandemia por conta do vírus COVID-19.

O quarto capítulo aborda a análise dos dados que foram feitos com base nos objetivos da pesquisa. Serão analisadas as percepções dos alunos na compreensão da variedade diatópica apresentada; identificar se existe diferença de compreensão entre os alunos que tiveram experiência de morar ou estudar no Japão e alunos que não tiveram; analisar de que forma o estudo da variação diatópica influenciaria no ensino de língua japonesa.

Por fim o trabalho se encerra no quinto capítulo com as considerações finais, onde são discutidas as análises feitas dos objetivos específicos, as contribuições da pesquisa e as limitações que foram encontradas no decorrer da mesma.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Dialetoologia

A língua é a primordial maneira de comunicação entre nós seres humanos, seja ela por linguagem em vários formatos ou até mesmo por meio da língua de sinais, e através da mesma nós conseguimos expressar nossas peculiaridades e diferenças pois como sabemos, somos seres heterogêneos e da mesma maneira que temos e queremos expressar nossas diferenças,

A nossa maneira de nos comunicarmos acaba sendo modificada conforme, a necessidade de uso tendo em vista que a principal característica da língua é sua mutabilidade, visto que segue o fluxo natural de língua em movimento como dito por Monteiro (1989, p. 183) “Constituí um truísmo afirmar que as línguas, como fatos culturais, estão em constante evolução, não havendo, pois, nenhum sentido em se perguntar por que elas mudam, já que a mutabilidade é sua característica essencial.”

Nessa perspectiva, ajudar-nos a compreender essas mudanças que ocorre na mesma, mas ainda assim não nos é permitido compreender de forma nítida o presente ou futuro de determinada língua.

A dialetoologia é uma ciência que tem como base a histórico-comparação dos fatos, nos fazendo assim sermos capazes de perceber e também reconstruir dialetos extintos, por exemplo latim vulgar.

O aprimoramento para a ciência que conhecemos nos dias de hoje com objetivos de analisar evolução de uma língua só ocorre no princípio do século XX quando dito ainda por Neto Silva (*apud.* SOARES. 2012).

A renovação da dialetoologia só ocorreu em princípios do século XX, por causa das pesquisas do grande romanista Jules Gillièron, responsável pelo Atlas Linguístico da França, elaborado a partir de um método de pesquisa mais homogêneo que permitiria a comparação dos falares.

Em relação ao nosso país, devemos às pesquisas de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca do ano de 1826 quando através de seu trabalho inserido no livro “*Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*” a pedido do geógrafo Adrien Balbi, foi um dos iniciadores dos estudos dialéticos no Brasil, assim fazendo com que se sucedesse de inúmeros trabalhos na área (SOARES 2012).

2.2 Dialeto

Ao pensar de forma simplificada no que se diz dialeto, pensa-se em uma variação de uma forma de língua considerada padrão, mas o dialeto se origina da vontade de expressar algo em determinada língua, fazendo assim com que o dialeto seja algo individual. O dialeto não é uma simples ramificação da forma padrão, mas como algo vivo e singular que se assemelha à imagem e costumes de quem o usa, tendo em vista que a língua sofre modificações para que possa expressar nossas perspectivas do mundo. Isso porque, como afirma Pottier (*apud*. SOARES. 2012. p. 66) “[...] as palavras representam o modo como o sujeito demonstra sua relação com o universo, nomeando e categorizando funcionalmente tudo que o rodeia, sempre num processo de interação e expansão permanente.”

Existem diversas formas de categorizar os dialetos e as principais são mencionadas por Soares (2012). O primeiro dos fatores é o espaço geográfico e a variação afetada é denominada de diatópica que é o enfoque da presente pesquisa. Existe a variação que ocorre no decorrer histórico, que é chamada de diacrônica, há as variações em estratos sociais chamadas de diastráticas, seguindo as variações referentes ao contexto do uso da língua conhecidas por diafásicas, e por fim as variações diageracionais, que é devido à mudança as gerações.

Ao ver a grande quantidade de fatores que ocasionam o surgimento de uma variação, deve-se manter em mente que assim como a língua padrão não deve ser considerado algo superior aos dialetos, as variações devem ser consideradas em um mesmo nível de importância. Tratam-se de identidade linguística que deve ser respeitada, sem viés de preconceito e independente de qualquer fator, como quantidades de usuários ou região.

2.3 Variação Linguística

Ao pensarmos na função primordial da língua, que seria se comunicar, é impossível de conseguir utilizá-la sem que ela sofra algumas modificações com base na necessidade que sentimos de preencher a falta de formas para expressar e assim possuir um discurso mais compreensível possível para o interlocutor.

Tendo em mente que a ideia de que a variação linguística são as peculiaridades ao nosso redor que acrescentamos na língua para que possamos nos expressar, pressupõe-se que não haja uma maneira correta de se escrever ou de se falar, mas sim há maneira que se encaixa na sua realidade. Entretanto, como dito por Faraco. (2002. p. 40):

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua-padrão.

Depreende-se disso que a língua que definimos ser padrão, na realidade é somente uma variação que se popularizou, ou de acordo com o Faraco, é uma variação que foi utilizada por pessoas letradas e com uma grande influência social, fazendo com que assim se considerasse a maneira correta de se escrever.

Mas afim de compreender melhor o dialeto, que é a variedade de uma língua própria de uma região ou território e está relacionado com as variações linguísticas encontradas na fala de determinados grupos sociais. Assim salientando que o dialeto, pode ser considerado um conjunto de variações que se encontra em determinada língua.

Existem diversos fatores que podem servir de estímulo para que se possa ocasionar o surgimento de variações, que podem ser divididas em: - as variações sociais, que diferenças são marcadas em nível semântico-lexical, fonológico/fonético e morfossintático;

- Às variações estilísticas que estão mais conectadas a níveis de formalidade contidos dentro de um discurso;
- Às variações diacrônicas que são ocasionadas em resultado da passagem do tempo;
- À variação diamésica decorrente a diferenciação de gêneros textuais; e
- À variação regional que advém das diferenças geográficas entre os falantes.

Essas variações ocorrem tanto dentro de um mesmo país como o Brasil com inúmeras regiões e diferenças dentro da língua, quanto por diferença entre países como ocorre com Portugal e Brasil (SILVA 2014).

Das variações acima listadas, para o propósito do presente trabalho, apresentamos em detalhe a variação regional ou variação diatópica no item seguinte 2.4 que servirá de fundamento para análise de dados.

2.4 Variação Diatópica

Similar à função dos demais agentes que ocasionam mudança na língua, a variação diatópica, ou seja, o uso ocasionado pela região no qual o falante se encontra, também tem por sua função primordial é de efetivar a interação comunicativa para que possa ser transmitido uma ideia como dito por Basílio. (*apud.* SILVA; SMITH. 2012. p. 194).

A comunicação na forma da linguística é sempre complexa, sendo assim, a palavra também se torna sempre complexa, multifacetada e polissêmica. A palavra é o meio da comunicação mais sujeita à mudança, pois ela sempre ganha forma na boca do agente que a conduz.

A variação diatópica é uma das mais comuns variações que se encontram em uma língua, e essa questão ocorre tanto internacionalmente, como por exemplo, nas diferenças do nosso português e o de Portugal, como também pode ocorrer em ambiente nacional como no caso do Brasil onde se pode encontrar muitas variações de uma mesma palavra como no caso da “mandioca” que em diferentes regiões do Brasil tem vários nomes diferentes como: aipim, macaxeira, uaipi entre outros. Assim como dito por Kuno (*apud.* TANAKA DE LIRA; TANAKA DE LIRA. 2016) quanto maior a extensão territorial de um país mais fácil se ocorre a variação diatópica, já que a geografia, em parte, pode contribuir para determinada situação linguística, não obstante, essas variações também possam ocorrer em um ambiente territorialmente menor como dentro de um mesmo estado de determinado país e até nas comunidades de fala. Para essa situação, deve-se levar em consideração a distância que separa os falantes, pois regiões com menores distâncias tendem a possuir menores diferenças em seus dialetos, e conseqüentemente regiões mais distantes umas das outras contém variações a ponto de os falantes não conseguirem se compreenderem.

2.5 Variação na Língua Japonesa

As variações na língua japonesa data muito antes mesmo do período *Edo* como dito por Shibatani (*apud.* TANAKA DE LIRA; TANAKA DE LIRA. 2016 p. 73). A existência de dialetos no Japão já era relatada na antologia de poemas japonês, o *Man' yôshû* (759 A.C), em que se encontram canções que fazem distinção dos dialetos do Leste e Oeste do arquipélago. Entretanto, como dito por Takano (2013) devido a reforma na era Meiji, entre inúmeras variações da língua japonesa foi escolhida uma língua para ser definida como padrão, sendo escolhida a variação da região de Tóquio.

Apesar de não ter uma grande extensão geográfica, o território japonês é dividido entre as quatro grandes ilhas (*Hokkaido, Honshuu, Shikoku e Kyuushuu*). O Japão contém inúmeras variações linguísticas, a ponto de falantes nativos não se compreenderem mesmo falando a mesma língua.

Contudo antes da transferência da capital do Japão para a região de Tóquio, a capital residia na região de Quioto onde se utiliza o dialeto conhecido como *Kinai* que outrora era considerado a forma padrão da língua japonesa e passou a surtir muita influência em todo

território japonês incluindo o dialeto de Edo, o predecessor do dialeto moderno da região de Tóquio. Quando se concretizou a transferência de capital o dialeto conhecido como *Kinai* passou a ser chamado de *kansai-ben*² e foi passado para o *status* de dialeto provincial. Apesar do dialeto da região de *Kansai* ser considerado o dialeto não padrão, é um dos mais falado no Japão, pois a região é a segunda região mais populosa do Japão com cerca de 20 milhões de pessoas e que de certa forma o dialeto da região de *Kansai* concorre com o dialeto de Tóquio assim como assinalado por Cravajal, Palter, Slotsve e Sanada. (*apud.* SÖDERGREN, 2014. p. 6).

The Kansai dialect is the most widely known non-standard Japanese dialect (Carvajal 2010:35), and is spoken in the Kansai region (also called the Kinki region) located in western Japan and consisting of the prefectures Osaka, Kyoto, Hyogo, Mie, Shiga, Wakayama and Nara. Generally, the honorific language system in eastern Japan is much simpler compared to that of western Japan, and the people in Kansai use it both when speaking to relatives and unrelated people. Despite this, the usage of Kansai dialect is "usually associated to the lesser level of politeness," when compared to standard language.³

Não é incomum de se encontrar nativos que acreditem que o dialeto de *Kansai* é menos polido que o do lado leste do Japão.

2.6 Variação linguística no ensino de língua estrangeira.

Sabemos que todas as línguas são modificadas e adaptadas por nós e para nós, sendo assim é inconcebível cogitar que uma determinada variação tenha algum tipo de superioridade para com as outras. No entanto, como salientam Görsky e Coelho (2009), em determinadas situações, quando certas pessoas conversam ou até mesmo ao escreverem, elas são admiradas, apreciadas, respeitadas e até obedecidas, tendo seu dialeto ou língua como o ideal ou o almejado por outras pessoas. Por outro lado, usada determinada variante que não teria tanto valor social faz com que a pessoa não obtenha o mesmo peso em seu discurso.

Para uma variação linguística obter o *status* de norma, ela deve ser utilizada por pessoas com certo *status* social ou ela está sendo utilizada por um grande número de pessoas, fazendo com que se torne a norma de uso e ser considerada padrão e prestigiada a todas as outras

² Falar da região de Kansai.

³ O dialeto de *Kansai* é o dialeto não padrão mais conhecido (Carvajal 2010: 35) e é falado na região de Kansai (também chamada de região de Kinki), localizada no oeste do Japão e consistindo nas prefeituras de Osaka, Quioto, Hyogo, Mie, Shiga, Wakayama e Nara. Geralmente, o sistema de idioma honorífico no leste do Japão é muito mais simples em comparação com o do Oeste e as pessoas em Kansai o usam para falar com parentes e pessoas não relacionadas. Apesar disso, o uso do dialeto Kansai é "geralmente associado ao menor nível de polidez", quando comparado à linguagem padrão. (Tradução feita pelo autor desta pesquisa)

variações. Mas cabe as pessoas que ensinam de determinada língua, o papel de quebrar esse paradigma, ainda referido por Görsky; Coelho. (2009. P. 82).

Características linguísticas da fala de pessoas de classes sociais menos prestigiadas e de pessoas menos escolarizadas são, em geral, estigmatizadas e desvalorizadas. Isso porque muitas pessoas acham que falar uma variedade diferente da variedade padrão é um problema sério para a sociedade, uma manifestação de inferioridade. Sempre que isso acontece a língua se torna um veículo de preconceitos e exclusões. Ao apontar o “erro” da fala do outro estamos reforçando a desigualdade social, marcando a variação usada pelo outro como um estereótipo, um problema que deve ser resolvido (melhor dizendo, extirpado) pela escola.

Nesse sentido, o benefício de se ensinar as variações linguísticas é importante para alunos que estão aprendendo uma segunda língua. Apresentar a variação linguística é de suma importância no ensino em sala de aula, pois os alunos terão conhecimento dos falares que têm peso cultural/histórico e social. Dessa forma, dissemina a variação linguística, sem o preconceito linguístico e dando espaço para que outros falares sejam valorizados.

O papel dos professores durante o ensino de língua estrangeira ultrapassa a simples explicação da norma padrão, como pode se observar nas falas dos autores apresentados, tendo em vista que a carga cultural e histórica contida nos dialetos são de suma importância para a compreensão tanto da língua quanto do modo de vida dos nativos que a utilizam. Dessa forma, almejar o ensino, aprimorando cada vez mais a compreensão dos alunos nas variações linguísticas existentes na língua em estudo.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

3.1 Abordagem da pesquisa

O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa para a análise das respostas dissertativas dos participantes, e para a análise dos gráficos também é utilizado a análise de maneira quantitativa.

Verificado os números de artigos que tratam do tema nos sites como *Google Acadêmico* e *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)* e acervos de bibliotecas online de universidades como: Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade Federal da Paraíba, Universidade de Rio de Janeiro, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Paraná e Universidade Federal de Santa Catarina, observa-se que são poucas as pesquisas feitas nesta área. Nesses termos, o tema necessita de uma pesquisa com caráter piloto que abra caminho para mais pesquisas, e que em seu fim mostre uma sintetização de todos os pontos a serem observados e atenuados. Sendo assim, justifica a escolha de pesquisa exploratória, devido ao fato de que a mesma nos permite termos uma visão mais detalhada do objeto de pesquisa, no qual não tenhamos nenhum conhecimento prévio para que assim as pesquisas subsequentes possam ser realizadas com uma maior compreensão entendimento e precisão, e, ainda, aceita uma variedade de técnicas para que possamos realizá-la, assim de acordo com Theodorson e Theodorson. (*apud.* PIOVESA; TEMPORINI. 1995. p. 319).

Exploratory study. A preliminary study the major purpose of which is to become familiar with a phenomenon that is to investigate, so that the major study to follow may be designed with greater understanding and precision. The exploratory study (which may use any of a variety of techniques, usually with a small sample) permits the investigator to define his research problem and formulate his hypothesis more accurately. It also enables him to choose the most suitable techniques for his research and to decide on the questions most in need of emphasis and detailed investigation, and it may alert him to potential difficulties, sensitivities, and areas of resistance⁴.

⁴ Estudo exploratório. Um estudo preliminar cujo objetivo principal é familiarizar-se com o fenômeno que é investigar, para que o estudo principal a seguir possa ser desenvolvido com maior compreensão e precisão. O estudo exploratório (que pode utilizar uma grande variedade de técnicas, geralmente com uma pequena amostra) permite ao investigador definir seu problema de pesquisa e formular sua hipótese com mais precisão. Também permite que ele escolha as técnicas mais adequadas para sua pesquisa e decida sobre as questões que mais precisam de ênfase e investigação detalhada, e pode alertá-lo para potenciais dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência. (Tradução feita pelo autor desta pesquisa)

Para que a pesquisa seja considerada exploratória ela deve conter o aspecto de levantamento bibliográfico, devido ao fato de que um dos fundamentos da pesquisa exploratória é a formulação de perguntas racionais como dito por Piovesa; Temporini. (1995. p. 320)

A pesquisa exploratória, da maneira proposta neste trabalho, apoia-se em determinados princípios bastante difundidos: 1) a aprendizagem melhor se realiza quando parte do conhecido; 2) deve-se buscar sempre ampliar o conhecimento e 3) esperar respostas racionais pressupõe formulação de perguntas também racionais.

E ainda por Piovesa e Temporini (1995) é necessário que se faça entrevistas com pessoas que tiveram ou têm experiência práticas com o problema pesquisado feitas em ambientes completamente descontraídos para que consigam fazer com que o entrevistado responda de maneira mais natural possível e fugindo das respostas automatizadas ou com respostas pré-definidas para que assim obtenha respostas mais concretas e dados mais realísticos.

E por fim análise de exemplos que estimule a compreensão assim o fim produto deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados como salientado por Gil (2008).

Faz com que se obtenha resultados mais qualitativos como salientado por Franco; Dantas. (2017 p. 3).

Este tipo de pesquisa nos traz dados qualitativos importantes para o (re)direcionamento dos estudos, uma vez que não pretendemos confirmar ou refutar hipóteses, mas levantar questionamentos e possíveis equívocos na construção (ou elaboração) dos instrumentos a serem aplicados.

Devido a esse fator a pesquisa de natureza qualitativa se faz necessário para que possa analisar os dados de maneira correta, assim, obtendo dados mais determinantes e esclarecidos.

As características principais da pesquisa qualitativa que nortearam esta pesquisa de acordo com Bogdan (*apud*. ZANELLA, 2011).

- Os dados coletados através da pesquisa qualitativa têm caráter descritivo;

Os dados coletados na pesquisa qualitativa geralmente são expressos em entrevistas, transcrições das mesmas, declarações, desenhos, fotografias, diários pessoais e até mesmo documentos, seja ela qualquer coisa que descreva o ambiente em seu aspecto mais natural possível. Neste trabalho utilizamos o questionário misto em que obtivemos respostas descritivas.

- A pesquisa se preocupa predominantemente com o processo e não com o produto final;
- Os pesquisadores tendem a analisar os dados indutivamente;
- O significado é sua preocupação essencial;

O significado para o pesquisador passa a ser considerado importante para a análise de dados das respostas obtidas no questionário aplicado.

Ao se determinar que a pesquisa qualitativa tem caráter processual de acordo com Alves (*apud.* ZANELLA 2011) é necessário que a pesquisa contenha perguntas claras, entretanto que sejam passíveis de reformulações.

Todavia no presente trabalho também são utilizadas perguntas de maneira que se compara os conhecimentos de estudantes que participaram ou não de intercâmbio durante seu período de graduação em conjunto com perguntas fechadas para mensurar características aparente em quaisquer dos grupos. Fez-se necessária a adição da pesquisa de cunho quantitativo, pois mantendo-se sob o olhar de Zanella (2011) a pesquisa de cunho quantitativo tem por pressuposto de desenvolver dados coletados de determinado grupo, estudando-se uma fração da mesma, assim destacando características que possam aparecer em determinado grupo.

3.2 Procedimentos metodológicos

3.2.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa realizada foi com base no Filme *Toire no Kamisama* ou Deusa do Banheiro que com base na canção *Toilet no Kamisama* que contem 10 minutos e relata a história de sua cantora Kana Uemura e seu relacionamento com sua avó. A música foi lançada em 2010 e se popularizou devido a sua letra emocionante além de conquistar dois prêmios. A canção ganhou uma adaptação para um drama especial de duas horas de duração pela emissora *Turner Broadcasting System* (TBS). O drama conta a história da cantora desde sua infância até o começo de seu estrelato e se passa todo na cidade de Kawanishi localizada na região de Hyogo, e devido a localização do filme se passar também na região de *Kansai* o falar dos personagens que os atores interpretam contém variações diatópicas da região, com que a utilização do filme se torne pertinente mediante a pesquisa.

3.2.2 Perfil dos colaboradores

O presente trabalho foi realizado com a seleção de participantes que se encaixassem nos seguintes critérios:

- Alunos e ex-alunos formados e prováveis formandos da Universidade de Brasília que cursaram ou cursam Letras – Licenciatura em Língua e literatura japonesa;
- Alunos que tiveram a experiência de intercâmbio para o Japão durante sua graduação;
- Alunos que durante sua graduação não tiveram a experiência de intercâmbio.

Dos participantes que responderam ao questionário, 4 (quatro) fizeram intercâmbio para o Japão e dentre esses 2 (dois) participantes do sexo masculino e 2 (duas) participantes do sexo feminino, onde 1 (um) participante masculino e 1 (uma) participante feminina já estão graduados no curso e tem por volta de 25 a 30 anos de idade.

Os outros 3 (três) participantes não tiveram experiência de intercâmbio durante sua graduação, dentre esses dois participantes são do sexo masculino e uma participante do sexo feminino, a faixa etária desses participantes está por volta de também 25 a 30 anos de idade.

3.2.3 Instrumentos de Pesquisa

Em decorrência da COVID-19 e a situação de pandemia mundial todos os procedimentos desta pesquisa foram feitos de maneira completamente remota.

Os dados foram coletados por meio de três trechos do filme *Toire no Kamisama*, editados pelo autor da pesquisa, publicados na plataforma YouTube plataforma da empresa Google que permite o compartilhamento de vídeos de maneira remota. Foi aplicado três questionários formulados e publicados na plataforma *Google Forms*, aplicativo do Google que permite a criação, compartilhamento e disponibilização de formulários pela internet.

O primeiro vídeo legendado contém vinte minutos e dois segundos, onde nos primeiros dez minutos e um segundo se retirou a legenda para a realização da pesquisa, e os últimos dez minutos e um segundo contendo legenda. O segundo vídeo tem um total de cinco minutos e vinte e oito segundos de duração com cinco trechos selecionados pelo autor que também foram retiradas as legendas. E por fim o ultimo vídeo também com cinco minutos e vinte e oito segundos de duração, entretanto agora contendo os mesmos trechos legendados. Quanto aos questionários o primeiro questionário com perguntas abertas e fechadas totalizando dezesseis perguntas, o segundo questionário contendo da mesma maneira perguntas abertas e fechadas com um total de dez perguntas e por fim o ultimo questionário contendo também perguntas abertas e fechadas com um total de três perguntas.

A pesquisa ocorreu em três momentos, com base nos seguintes itens:

- No primeiro momento, os participantes deveriam observar o vídeo de 10 minutos e 1 segundo sem legendas e depois observar o restante do vídeo com os mesmos 10 minutos e 1 segundo legendados. Para responder o primeiro questionário que contém perguntas referentes a sua auto avaliação quanto à compreensão do trecho, a fim de averiguar o próprio conhecimento foi utilizado o vídeo com legendas. Perguntou-se também sobre

os seguintes itens: como definir o que é dialeto; a opinião sobre a importância do mesmo; e pôr fim a importância do *Hogen* em sala de aula.

- No segundo momento os participantes deveriam observar o segundo vídeo de 5 minutos e 28 segundos divididos em 5 trechos do filme sem legendas, e em seguida responder no segundo questionário as palavras que conseguiram identificar.
- No terceiro momento os participantes observaram o último vídeo de 5 minutos e 28 segundos com os mesmos 5 trechos do vídeo anterior, entretanto agora legendados. Após esse momento eles responderiam o último questionário fazendo novamente uma auto avaliação de sua compreensão referente aos trechos apresentados e fazer um comentário sobre sua experiência ao ter visto os trechos sem legendas e legendado.

Foi solicitada a participação de maneira completamente remota novamente em decorrência a situação pandêmica mundial devido ao COVID-19 de 16 alunos estudantes graduandos Universidade de Brasília, entretanto foram considerados somente a resposta de sete alunos que conseguiram responder todos os questionários, os demais participantes que não conseguiram responder o segundo questionário suas respostas foram desconsideradas. Segundo Gonçalves (*apud.* VIEIRA; CASTRO; SCHUCH. 2010), uma das principais desvantagens de se realizar uma pesquisa de maneira totalmente *on-line* é a baixa taxa de resposta nos questionários.

Os participantes foram organizados de acordo com a tabela abaixo:

Participante	Intercambio	Duração	Cidade/Região
1IW	Sim	1 a 3 anos	Wakayama / Kansai
2IT	Sim	6 meses a 1 ano	Tóquio/ Kantō
3IT	Sim	6 meses a 1 ano	Tóquio/ Kantō
4IC	Sim	1 mês a 6 meses	Chiba / Kantō
1NI	Não		
2NI	Não		
3NI	Não		

Para facilitar a leitura das siglas segue a seguinte orientação:

- 1IW: Intercâmbio para a cidade de Wakayama;
- 2IT: Intercâmbio para a cidade de Tóquio;
- 3IT = Intercâmbio para a cidade de Tóquio;

- 4IC = Intercâmbio para a cidade de Chiba;
- 1NI = Não Intercâmbio;
- 2NI = Não Intercâmbio;
- 3NI = Não Intercâmbio.

3.3 Considerações éticas

Deve-se lembrar que a identidade dos participantes da pesquisa será mantida em total sigilo, para que os participantes pudessem responder de forma mais natural possível acrescentando mais veracidade na pesquisa, pois como observado por Monteiro, Raimundo e Martins. (2019) o sigilo protege os participantes, fazendo-os falar sem temores a julgamentos por terceiros. E como salientado por Guerreiro (2016. p. 2625), um dos princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais é: “a garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da sua proteção de identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz.”

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas somente as respostas referentes aos objetivos específicos. Os questionários na íntegra com as respostas se encontram nos apêndices. Os resultados serão analisados sob a luz da fundamentação teórica, conforme os pontos a seguir: 1) Identificar as percepções dos alunos na compreensão da variedade diatópica apresentada; 2) Identificar se existe diferença de compreensão entre os alunos que tiveram experiência no Japão e alunos que não tiveram; 3) Analisar de que forma o estudo da variação diatópica influenciaria no ensino de língua japonesa.

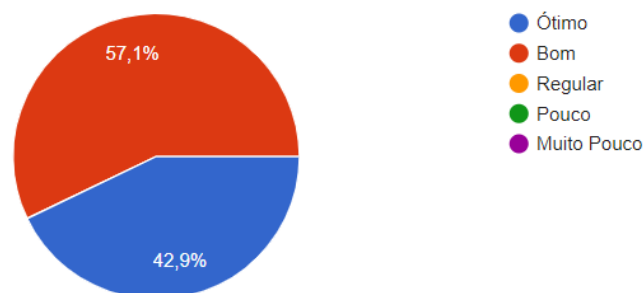
Foram selecionadas as respostas que se mostraram pertinentes para a análise dos objetivos, também foram selecionados de maneira que incluísse as respostas de todos os participantes mesmo que em perguntas diferentes. Todas as respostas dos participantes se encontram em anexo.

4.1 Percepção dos participantes quanto à variedade diatópica apresentada

Nesta seção serão analisadas as percepções de todos os participantes quanto à variedade diatópica apresentada.

A pergunta a seguir mostra como os participantes se auto avaliaram quanto a sua compreensão referente ao vídeo de 20 minutos e 2 segundos de duração, em que eles teriam que observar os 10 primeiros minutos e 1 segundo sem legenda e após esse momento fazer a comparação assistindo os próximos 10 minutos e 1 segundo dos mesmos trechos legendados. “Qual foi sua compreensão dos trechos apresentados?”

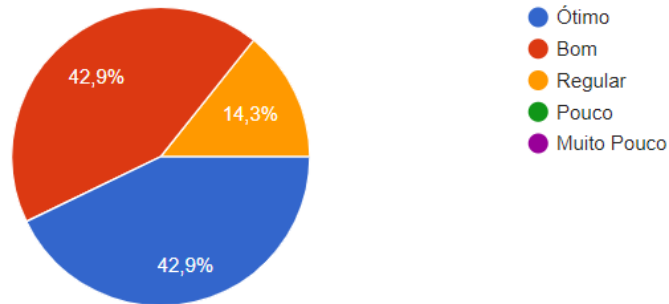
Gráfico 1 – Auto avaliação dos participantes



Nesta questão podemos notar que os participantes consideraram sua compreensão quanto ao trecho satisfatório de maneira geral. Entretanto, ao serem questionados sob um tópico

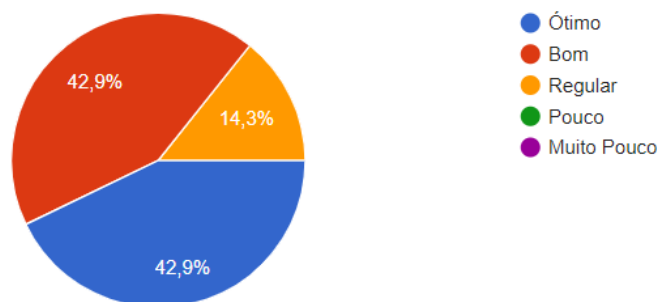
mais específico, houve variações quanto à auto avaliação. A questão seguinte questiona os participantes sobre um tópico específico do vídeo. “Como você avalia seu desempenho no aspecto vocábulo referente ao vídeo?”

Gráfico 2 – Auto avaliação referente a vocábulo



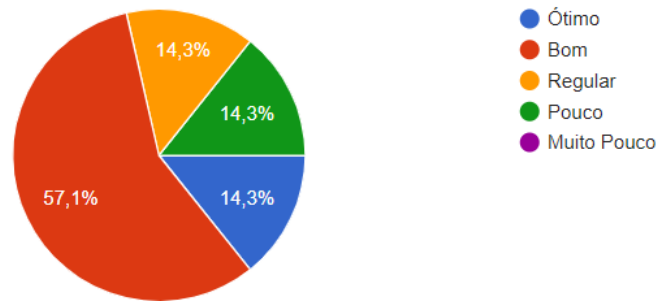
Neste gráfico já se nota que um dos participantes não considerou satisfatório seu entendimento sobre os vocábulos apresentados no vídeo, e este comportamento se repete durante a próxima pergunta. “Como você avalia seu desempenho no aspecto gramática referente ao vídeo?”

Gráfico 3 – Auto avaliação referente a gramática.



Nota-se uma continuidade na auto avaliação dos participantes, quando são orientados a pensar na questão gramatical do vídeo, e por fim na questão seguinte ocorre outra ramificação, quando são pedidos para se avaliarem na questão fonética e fonológica do vídeo. “Como você avalia seu desempenho no aspecto fonética e fonológica referente ao vídeo?”

Gráfico 4 – Auto avaliação referente a fonética e fonologia.



Ao se pensar na distância geográfica entre a região de *Kansai* onde se utiliza a variação diatópica apresentada e a região de *Kantō* onde se utiliza o japonês padrão, pode-se pensar que devido à distância relativamente curta entre as duas regiões, a diferença entre as duas variações não é tão discrepante como abordado por Kuno (*apud.* TANAKA DE LIRA; TANAKA DE LIRA, 2016) fazendo assim com que os alunos não sintam uma dificuldade quanto à gramática como mostrado nos dados coletados, entretanto, reiterando o pensamento de Basílio (*apud.* SILVA; SMITH, 2012) a palavra pode se tornar complexa, multifacetada e polissêmica, fazendo com que os participantes sintam uma dificuldade maior na questão fonética e fonológica.

Seguindo com a análise na pergunta seguinte os alunos teriam que dissertar um pouco sobre o motivo deles terem determinada compreensão. “Você poderia dizer por quê você teve ou não a compreensão desejada?”

Segue abaixo alguns excertos dos participantes quanto a essa questão:

- (1) “Falta um conhecimento maior de vocabulário” (1NI)
- (2) “Porque tive e tenho contato com o dialeto em questão e estou acostumada a ouvir conversas da forma como os atores conversavam no vídeo.” (1IW)
- (3) “O aspecto gramatical costuma ser sempre similar, independente do dialeto. Porém, a pronúncia é bastante distinta e, nesse caso, acelerada e "cortada". Mais do que a forma diferente que uma palavra pode ter em um dialeto, o que pode dificultar a compreensão oral é a velocidade que tal palavra é pronunciada.” (2IT)

Neste momento novamente se destaca os pontos levantados onde os participantes conseguiram formular respostas levantando mesmo que inconscientemente os motivos de seu desempenho, no qual os participantes que não teve experiência de intercâmbio 1NI, teve problemas com vocabulário e o mesmo ocorre com o participante 2IT que teve experiência de intercâmbio, entretanto para a cidade de Tóquio, onde não se utiliza a variação apresentada, tiveram problemas de compreensão. Já o participante 1IW que teve experiência de intercâmbio,

todavia para a região de *Kansai* no qual se utiliza a variação, teve facilidade de compreensão por ser exposto a essa variação, assim entrando em concordância com os autores Basílio (*apud*. SILVA; SMITH, 2012) quando diz que a palavra ganha vários significados, quando utilizada por diferentes falantes que faz com que a compreensão do vocábulo se torne nebulosa e Kuno (*apud*. TANAKA DE LIRA; TANAKA DE LIRA, 2016) quando cita que a distância geográfica pode comprometer a compreensão de determinados povos se eles não tiverem contato.

Ao ser pedido para que os participantes anotassem no segundo questionário vocábulos dos trechos, eles teriam que observar os mesmos 5 trechos de 5 minutos e 28 segundos agora legendados, para que eles pudessem fazer uma comparação com o que entenderam e o que está sendo dito nos trechos. Segue abaixo alguns excertos sobre a segunda questão do terceiro questionário “Por favor, comente um pouco sobre a experiência de ter visto os trechos sem legendas e legendados.”

- (4) “Por estarmos acostumados com o "japonês padrão", entender diálogos carregados de sotaque exigem mais para compreensão. Alguns trechos *dá* para entender somente pelo contexto.” (2NI)
- (5) “Houve muita diferença, pois legendado consegui compreender completamente todos os diálogos, em japonês sem legenda a compreensão foi menor, principalmente quando era a criança falando, pois entendia muito pouco da fala dela.” (3NI)
- (6) “Entendi melhor as palavras na compreensão oral, entendi mais informações que ficaram incompletas. Sem a legenda era como uma rádio como uma rádio com sinal ruim, às vezes entendia e outras vezes não entendia as palavras, mesmo conhecendo-as. Depois com a legenda entendi algumas palavras do diálogo em japonês e outras realmente não sabia. (4IC)

Nessa questão os participantes relatam uma preocupação maior quanto a sua compreensão, seguindo as orientações curriculares para o ensino médio que preconiza as apresentações das variedades linguísticas, os alunos devem ter conhecimento da riqueza linguística da língua em estudo.

Nesse último gráfico são apresentadas as respostas sobre a pergunta: 3 “Ao assistir os trechos com legenda em português você achou que teve alguma diferença com o que você compreendeu?”

Gráfico 5 – auto avaliação após coleta de vocábulos.



Neste ponto da pesquisa, nota-se uma grande mudança no panorama de auto avaliação, pois ao serem solicitados que “anotem as palavras que conseguirem compreender”, o que requer um conhecimento maior do que só compreender o contexto de uma conversa como foi pedido no primeiro questionário. Observou-se que a auto avaliação dos participantes sobre a sua compreensão após a aplicação de dois instrumentos obtiveram o nível de compreensão menor do que os anteriores.

4.2 Identificar havendo diferenças em níveis de compreensão da variação diatópica, identificar qual é o fator ou quais são os fatores que levou ou levaram a esse resultado

Nesta seção analisaremos se existe alguma diferença de compreensão entre os alunos que tiveram experiência de intercâmbio durante a graduação, para alunos que não tiveram a mesma experiência.

Para fins de análise apresentaremos as questões pertinentes a esse tópico, entretanto pode-se encontrar todos os questionários na íntegra em apêndices.

A questão nove do primeiro questionário, pergunta se refere à definição de dialeto/方言 (*Hogen*) por parte dos participantes. “Você sabe dizer o que é um dialeto/ *Hogen* (方言)?”

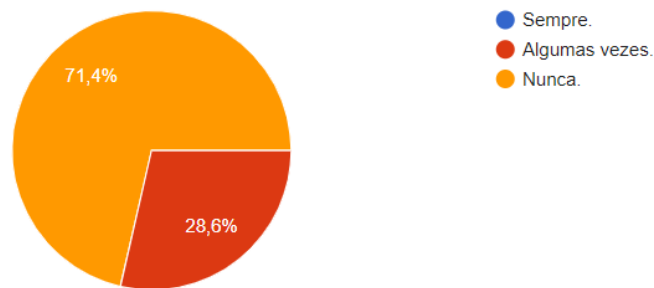
Abaixo segue alguns excertos sobre o tópico respondido pelos participantes.

- (7) “Seria como se fosse o sotaque de alguma região acrescido de palavras regionais.” (3IT)
- (8) “É uma forma de se expressar uma língua em uma determinada região. Isso pode incluir pronúncias diferentes, palavras modificadas ou até mesmo completamente novas, ritmo de fala, etc.” (2IT)
- (9) “São variedades linguísticas presentes na fala/escrita de determinada região.” (3NI)

Nota-se que muitos deles relatam o dialeto, pela categorização de variação diatópica, ou seja, uma variação que sofreu mudanças devido a região, similar a definição de dialeto por Pottier (*apud.* SOARES. 2012) que sob sua ótica o dialeto, é um modo como o sujeito se relaciona com o ambiente que está inserido, tentando descrever com a maior precisão aquilo que o rodeia.

No gráfico a seguir que este tipo de conhecimento não advém de meios acadêmicos, e possivelmente empíricos. “No ensino de língua japonesa, em alguma disciplina você estudou a língua não padrão?”

Gráfico 6 – Estudo da língua não padrão.



Nota-se nesse gráfico que o conhecimento dos participantes sobre a língua não padrão, foram adquiridos fora de um ambiente de sala de aula, possibilitando uma visão mais reducionista da variação como citado nas orientações curriculares do ensino médio, e este ponto pode-se tornar mais evidente no segundo questionário, onde é pedido para que os participantes anotem as palavras que conseguiram compreender, em cada trecho. “Quais palavras você conseguiu compreender no primeiro trecho? Por favor digite a palavra e o significado.”

Abaixo os excertos sobre a questão.

- (10) “*Okaasan* (mãe), “*Mou okita kara*” (já acordei...), “*Okiteru tte*” (tô acordado...), *Akan* (não pode, é proibido), “*Atama wa daiji ni sena akan*” (tem que cuidar da cabeça, da mente), “*Kana no kashikoi atama ga aho ni natte shimau ya na*” (a inteligência da Kana vai embora e vai acabar ficando *lerdinha*), *beppin* (mulher bonita), “*Ojiichan mo iuteru de*” (eu, o avô, também digo/estou dizendo isso.)” (1IW)
- (11) “*akan* - não pode *sounan* - é mesmo? *aho* - idiota/burro *beppin* – “ (3IT)
- (12) “*や* (Utilizado para eventualmente substituir as partículas *わ* (*Wa*), *だ* (*Da*), *か* (*Ka*) e *が* (*Ga*))、*へん* (*Hen*) (Utilizado para negação.)” (2NI)

Mostra-se ser evidente a diferença de compreensão de vocábulos e seus respectivos significados, o participante 1IW que teve experiência no local onde se utiliza a variação comparado aos participantes, torna-se visível a diferença de compreensões corroborando com a pesquisa de Nakama (2019), quando relata sobre sua experiência de não conseguir compreender os outros nativos japoneses no qual se refere como “alienígenas”, deixando claro a diferenciação de compreensão se tratando de experiência. Pode-se notar que a percepção de cada participante se perpetua entre as outras questões, como de exemplo a segunda questão “Quais palavras você conseguiu compreender no segundo trecho? Por favor digite a palavra e o significado.”

Segue abaixo alguns excertos da segunda questão.

(13)“*Umai mon wa shiawase no moto*” (coisas gostosas são o princípio/a base da felicidade), *arashi* (tempestade), *aho* (bobagem), “*Ashi dashite mi*” (mostra o pé), *honmaya* (verdade!), “*Uchi no mago ni chigai nai*” (com certeza é minha neta.)” (1IW)

(14)“*dashitemin* - tira pra ver *hore* - olha! *honma* – verdade.” (3IT)

(15)“や (Utilizado para eventualmente substituir as partículas わ (*Wa*), だ (*Da*), か (*Ka*) e が (*Ga*))、へん (*Hen*) (Utilizado para negação.)” (2NI)

As outras respostas quanto a este questionário estão localizadas nos apêndices.

4.3 Levantar o que os alunos colaboradores desta pesquisa pensam a respeito da importância do estudo da variação diatópica no ensino de língua japonesa.

Esta seção analisará com base nas respostas dos participantes de que maneira influenciaria o ensino de variação diatópica se referido ao ensino de língua japonesa.

Iniciaremos a análise a partir da pergunta que se refere a opinião dos participantes “Você sentiu falta desta experiência de alguma forma durante seu curso?”

Segue abaixo alguns excertos acerca da questão.

(16)“Sim, acho que assim como qualquer idioma é importante conhecermos variantes do idioma estudado.” (1NI)

(17)“Devo admitir que não senti muita falta, apesar de perceber a ausência deste tipo de conteúdo.” (1IW)

(18)“Com certeza. Acho que o curso de japonês da Universidade de Brasília é de excelência. Todavia, há sempre algo que pode ser melhorado. Senti falta, durante a

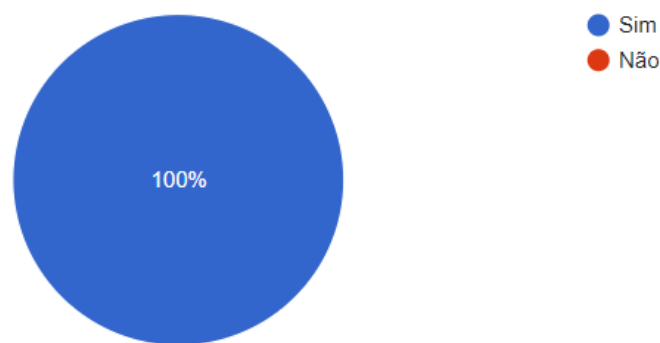
graduação, de aulas voltadas para a fonética e fonologia da língua japonesa, também de aulas com foco nas características de pitch ("tom") e aulas mais dinâmicas que ensinassem (ainda que o básico) sobre esses diversos dialetos que existem no Japão. Muitos desses aspectos foram abordados nas aulas de Prática Oral e Escrita da Língua Japonesa, mas, talvez, não de forma detalhada.” (4IC)

(19)“Sim. Somente fui ter contato com a gramática de um dialeto diferente (no caso, o de Kansai) quando estava em Tóquio, em uma matéria que tive na faculdade. Ou seja, quando já conhecia pessoas de vários lugares do Japão com dialetos distintos, e não antes de ter essa experiência.” (2IT)

Ao serem questionados muitos levantam motivos similares a fala de Pontes (2014) quando se refere a utilização da língua em usos reais e de situações variadas, para que assim possam ter uma comunicação mais precisa com o interlocutor, ao se utilizar da linguagem adequada para tal.

O curso de Letras Japonês da Universidade de Brasília é um curso de licenciatura, ou seja, com enfoque na formação dito isso, na questão seguinte, os participantes deveriam opinar sobre a relação professor e dialeto. “Na sua opinião é importante os futuros professores saibam da existência de *Hogen*/方言?”

Gráfico 7 – Professores e *Hogen*.



Nesta questão os participantes mostram, em unanimidade, a importância sobre os professores de língua japonesa conhecerem acerca do que se denomina dialeto (*Hogen*). Ratifica-se, novamente, as orientações curriculares para o ensino médio, onde cita que o professor apresentando o dialeto de determinada língua alvo para os alunos, consegue sanar dúvidas, fazendo-os, assim, utilizar de maneira precisa o mesmo. Dessa forma, evita-se os preconceitos acerca de determinada variação.

Seguindo para a próxima questão em que os participantes devem com base na resposta anterior dissertarem sobre o conhecimento dos professores sobre dialeto (*Hogen*): “Com base na resposta anterior comente o motivo de selecionar sim ou não.”

Abaixo alguns excertos sobre a questão.

- (20) “É importante que os professores conheçam e entendam pelo menos o mínimo da língua não padrão e dos dialetos, já que é muito usado pelos falantes nativos.” (1IW)
- (21) “Mesmo não tendo o completo domínio do 方言 (*Hogen*) em questão, é extremamente mandatório que um professor saiba compreender que determinada estrutura fora da curva trata-se de um dialeto. Feito isto, um posterior estudo individual pode ser realizado com facilidade, e as dúvidas, sejam discentes ou docentes, sanadas.” (2NI)
- (22) “Os professores precisam saber da existência e variedade dos *hogen* para poderem, eles mesmos, apresentar esse aspecto da língua japonesa para seus alunos. Muitas vezes um professor é julgado por não ensinar determinado conteúdo ou aspecto cultural para seus alunos, mas o docente nem ao mesmo cogita tal aspecto porque não foi ensinando-lhe em primeiro lugar.” (2IT)
- (23) “Como futuro profissional da área de língua japonesa, o estudante deve estar a par das variantes do idioma. Se um dialeto é algo que pode atrapalhar na compreensão (até certo nível) de um idioma, é necessário que se entenda sobre o assunto para compreender ainda mais a língua como um todo. Doravante, estudos acerca desses tópicos enriquecerão ainda mais o curso de licenciatura em língua e literatura japonesa.” (4IC)

Os participantes apresentam respostas que legitimam o pensamento de José Lemos (1989) e Pottier (*apud.* SOARES. 2012.), que afirmam que a língua está atrelada a cultura dos falantes da mesma, assim sabendo-se que a cultura e modo de vida é algo mutável e evolutivo, a língua passa a ganhar a mesma característica, carregando assim um peso histórico e cultural dentro de si. Por esse motivo, ao se lecionar determinada língua não se deve desvincular-se de variações, seja elas quais forem, para que os alunos consigam aprender e aprofundar seu conhecimento sobre a mesma.

A última questão pergunta para os participantes a opinião deles quanto ao dialeto em si. “Na sua opinião qual a importância de *Hogen*/方言 no ensino de língua japonesa?”

- (24) “Como o propósito principal de qualquer língua é a comunicação, aprender as variações linguísticas de qualquer língua ajuda na sua compreensão e expande a

capacidade de se comunicar. Além disso, o 方言 (Hogen) também contribui para a aproximação do estudante com a cultura japonesa, já que as peculiaridades do 方言 (Hogen) apresentam detalhes importantes sobre a história da região em que é falado.” (1NI)

(25) “É importante para que os alunos consigam apreciar um pouco melhor a cultura e entendam que cada região do Japão tem suas particularidades e culturas.” (1IW)

(26) “Quando se vai a um país - nesse caso, o Japão - não se encontra somente o dialeto padrão que é ensinado tipicamente nos cursos de língua estrangeira. Até mesmo em Tóquio, que usa o dialeto padrão, você provavelmente irá interagir com pessoas de todos os lugares do Japão, que nem sempre usarão o *hyojungo*⁵. Para que os estudantes da língua possam interagir com essas pessoas com confiança, eles precisam ter entrado em contato com o dialeto anteriormente. Além disso, o dialeto tem uma importância cultural e de representatividade, uma vez que ele traz a história da sua região e do seu povo consigo. É difícil ensinar um dialeto sem primeiro apresentar a cultural da região, o que é de extrema importância para os alunos de língua japonesa que muitas vezes só têm contato com a cultura pop de Tóquio.” (2IT)

Por fim observou-se, através das ocorrências das respostas que os participantes acreditam que, para se aprender uma nova língua deve-se conhecer o dialeto, decorrente ao fato de do mesmo estar atrelado a cultura dos nativos de determinada região. Nessa perspectiva, o professor deve se tornar o guia para que esses estudos mesmo que feitos fora de âmbito de sala de aula, evitem se tornar reducionistas.

⁵ O participante quando cita *hyojungo* está se referindo ao dialeto padrão utilizado em território japonês.

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais separam-se em três subseções, 5.1 a análise dos dados sob a luz dos objetivos da pesquisa, 5.2 contribuições da pesquisa e por fim 5.3 são limitações da pesquisa.

5.1 Retomada dos objetivos da pesquisa

Em resumo, a presente pesquisa em seu primeiro tópico de análise pode perceber que quando é pedido para que os participantes tentem compreender o contexto geral de um trecho do filme utilizando a variação diatópica auto avaliação dos participantes, acabam mostrando níveis elevados de satisfação. No entanto ao serem pedido que notem com mais detalhes e não somente o contexto como o primeiro momento, acabam percebendo com certa frequência, momentos onde não compreendem o que se é dito, demonstrando, assim, que a auto avaliação dos participantes acerca de sua compreensão, decai, diferentemente do primeiro.

No segundo momento, em que se compara a existência de diferença entre a compreensão de alunos que não tiveram experiência de intercâmbio para alunos que tiveram. É possível captar certo decaimento de entendimento quanto a alunos que foram e que não foram. Isso é de se esperar, visto que a compreensão dentre os participantes que tiveram mais proximidade com a região que se utiliza essa variedade. Essa situação corrobora com os autores como Basílio (*apud.* SILVA; SMITH, 2012) que referenciam que a palavra pode se adquirir vários significados e Kuno (*apud.* TANAKA DE LIRA; TANAKA DE LIRA, 2016) realça que quanto maior a distância geográfica entre dois falantes pode influenciar na não compreensão entre os mesmos.

E por fim, levando a crer que alguns participantes descrevem um peso histórico cultural inserido dentro do dialeto. A inclusão de variedade diatópica paraa o curso de Licenciatura em língua japonesa é de suma importância, para que os alunos tenham uma compreensão maior quanto à língua alvo.

5.2 Contribuições da pesquisa

A presente pesquisa demonstrou que os alunos de japonês de nível intermediário e avançado podem compreender uma variante não padrão, associando-a à variante já estudada. Essa compreensão é maior quando o estudante já teve algum contato com esse dialeto, o que leva a concluir que o ensino de dialeto é possível desde que crie métodos adequados para essa

finalidade. O professor deve ser o agente que norteia tais estudos, de uma forma planejada dentro do currículo, para que assim os aprendentes tenham um conhecimento menos reducionista sobre determinada variação. Acredito que esse projeto piloto poderá trazer novas inspirações para futuras pesquisas acerca do ensino de variação linguística em sala de aula, e uma compreensão maior sobre a língua japonesa e seus falantes nativos.

5.3 Limitações da pesquisa

A presente pesquisa demonstrou limitações quanto à coleta de dados, por um lado devido ao tempo para ser realizada, por outro, por não ter sido viável uma coleta de dados mais extensa, contando também com a participação de mais alunos e ex-alunos. Por fim, o ideal seria aplicar de maneira presencial os questionários para obtenção de dados com maior precisão, avaliação e controle do contexto da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília. 2012.

BRASIL. Ministério da educação. **Conhecimentos de línguas estrangeiras. Em Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias** Brasília-DF. 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 37-61.

FRANCO, Maria Vieira Amorim; DANTAS, Otília Maria A. N. A. **Pesquisa exploratória: aplicando instrumentos de geração de dados – observação, questionário e entrevista**. Brasília: Universidade de Brasília. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Todos e técnicas de pesquisa social**. Sexta Ed. São Paulo. 2008.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino de gramática**. Florianópolis. 2009.

GUERREIRO, Iara Coelho Zito. **Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016 que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas**. São Paulo. 2016.

MONTEIRO, A. C.; RAIMUNDO, M. P.; MARTINS, B. **A questão do sigilo em pesquisa e a construção dos nomes fictícios**. *Psicologia, Conocimiento y Sociedad*, p. 157-172. Rio de Janeiro: Universidade Federal de Fluminense. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Dialetologia e Diacronia**, Revista de Letras, Fortaleza, 1989.

NAKAMA, Eduardo. **Um estudo da situação sociolinguística da primeira geração de imigrantes okinawanos que vivem no distrito da casa verde na cidade de são paulo**. Brasília 2019.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimentos metodológicos para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

PIRES, Ricardo Sorgon. **“O que é ser uchinanchu?”: As (re)construções da identidade okinawana no periódico utina press**. São Paulo. [s.d.].

PONTES, Valdecy de Oliveira. **Variação linguística: da teoria ao ensino de línguas**. Ceará 2014.

SANTOS, Tomé Cabral. **Dicionário de Termos e Expressões Populares**. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 1972.

SILVA, Evilásio do Nascimento. **Varição linguística: das discussões acadêmicas aos livros didáticos**. Ceará. 2014.

SILVA, Mikaylson Rocha da; SMITH, Michael Harold. **As muitas faces das palavras na língua inglesa: variação linguística diacrônica e diatópica**. Paraíba, 2012.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. **Atlas Semântico-lexical da região norte do alto do tietê**, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SÖDERGREN, Susanne. **A sociolinguistic attitude survey concerning the Kansai dialect**. Falun, Suécia. 2014.

TAKANO, Yuko. **Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: Aspecto semântico-lexical**. Brasília. 2013.

TANAKA DE LIRA, Kaoru; TANAKA DE LIRA, Marcus. **De Aomori ao Shuri: Excertos do dialeto da língua japonesa**. Brasília 2016.

VIEIRA, Henrique Corrêa; CASTRO, Aline Eggres de; SCHUCH, Vitor Francisco Júnior. **O uso de questionários via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria. 2010.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa** – 2. ed. rev. atual. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AUTO AVALIAÇÃO

Questionário de Auto avaliação

Olá me chamo Alex Marcos Batista Lins, sou formando do curso de Letras Japonês e estou realizando uma pesquisa referente a dialeto (Hogen/方言) para a realização do meu TCC, cujo o título é Ensaio dialetológico: Variedade linguística no ensino de língua japonesa. Garanto que sua identidade será mantida em total sigilo, e que as respostas coletadas por meio deste questionário são para fins acadêmicos, conto com sua participação e deixo aqui meus agradecimentos pela ajuda.

***Obrigatório**

1. Você concorda com os termos esclarecidos acima? *

Marcar apenas um oval.

- Sim *Pular para a pergunta 2*
- Não

Questionário de Auto avaliação

2. Você já fez intercambio para o Japão alguma vez na vida? *

Marcar apenas um oval.

- Sim
- Não

3. Se sim, para qual região e cidade você foi?

-
4. Se sim, quanto tempo durou seu intercâmbio?

Marcar apenas um oval.

- De 1 semana a 1 mês.
- De 1 - 6 meses.
- De 6 meses a 1 ano
- De 1 - 3 anos
- De 3 - 5 anos.

5. Qual foi sua compreensão dos trechos apresentados? *

Marcar apenas um oval.

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Pouco
- Muito Pouco

6. Como você avalia seu desempenho no aspecto vocábulo referente ao vídeo? *

Marcar apenas um oval.

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Pouco
- Muito Pouco

7. Como você avalia seu desempenho no aspecto gramática referente ao vídeo? *

Marcar apenas um oval.

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Pouco
- Muito Pouco

8. Como você avalia seu desempenho no aspecto fonética e fonológica referente ao vídeo? *

Marcar apenas um oval.

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Pouco
- Muito Pouco

9. Você poderia dizer porque você teve ou não a compreensão desejada? *

10. Você sabe dizer o que é um dialeto/ Hogen (方言) ? *

11. No ensino de língua japonesa, em alguma disciplina você estudou a língua não padrão? *

Marcar apenas um oval.

- Sempre.
- Algumas vezes.
- Nunca.

12. Você sabe identificar em qual região se utiliza o dialeto mostrado no vídeo? (Hogen/方言) *
-

13. Você sentiu falta desta experiência de alguma forma durante seu curso?

14. Na sua opinião é importante os futuros professores saibam da existência de Hogen/方言? *

Marcar apenas um oval.

Sim

Não

15. Com base na resposta anterior comente o motivo de selecionar sim ou não. *

16. Na sua opinião qual a importância de Hogen/方言 no ensino de língua japonesa? *

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DE VOCÁBULOS

Questionário de percepção.

Olá me chamo Alex Marcos Batista Lins, sou formando do curso de Letras Japonês e estou realizando uma pesquisa referente a dialeto (Hogen/方言) para a realização do meu TCC, cujo o título é Ensaio dialetológico: Variedade linguística no ensino de língua japonesa. Garanto que sua identidade será mantida em total sigilo, e que as respostas coletadas por meio deste questionário são para fins acadêmicos, conto com sua participação e deixo aqui meus agradecimentos pela ajuda.

***Obrigatório**

1. Você concorda com os termos esclarecidos acima? *

Marcar apenas um oval.

- Sim *Pular para a pergunta 2*
- Não

Pular para a pergunta 2

Questionário de percepção.

Digite em cara pergunta as palavras que conseguiu identificar, não se preocupe com a quantidade.

2. Quantas vezes você assistiu ao vídeo?

Marcar apenas um oval.

- 1 vez.
- 2 vezes.
- 3 vezes.
- 4 vezes.

3. Você já fez intercambio para o Japão alguma vez na vida? *

Marcar apenas um oval.

- Sim
- Não

4. Se sim, para qual região e cidade você foi?

5. Se sim, quanto tempo durou seu intercâmbio?

Marcar apenas um oval.

De 1 semana a 1 mês.

De 1 - 6 meses.

De 6 meses a 1 ano

De 1 - 3 anos

De 3 - 5 anos.

6. Quais palavras você conseguiu compreender no primeiro trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

7. Quais palavras você conseguiu compreender no segundo trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

8. Quais palavras você conseguiu compreender no terceiro trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

9. Quais palavras você conseguiu compreender no quarto trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

10. Quais palavras você conseguiu compreender no quinto trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO FINAL

23/05/2021

Questionário para o trecho com legendas.

Questionário para o trecho com legendas.

Olá me chamo Alex Marcos Batista Lins, sou formando do curso de Letras Japonês e estou realizando uma pesquisa referente a dialeto (Hogen/方言) para a realização do meu TCC, cujo o título é Ensaio dialetológico: Variedade linguística no ensino de língua japonesa. Garanto que sua identidade será mantida em total sigilo, e que as respostas coletadas por meio deste questionário são para fins acadêmicos, conto com sua participação e deixo aqui meus agradecimentos pela ajuda. ***Obrigatório**

1. Você concorda com os termos esclarecidos acima? *

Marcar apenas um oval.

- Sim *Pular para a pergunta 2*
 Não

Questionário para o trecho com legendas.

2. Ao assistir os trechos com legenda em português você achou que teve alguma diferença com o que você compreendeu? * *Marcar apenas um oval.*

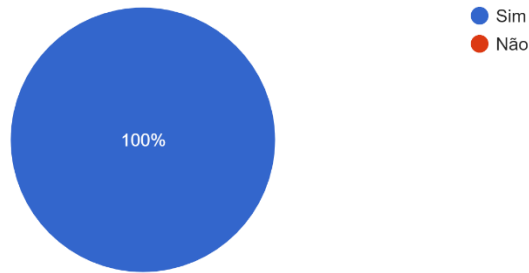
- Não teve diferença.
 Pouca diferença.
 Diferença razoável.
 Muita diferença.

3. Por favor, comente um pouco sobre a experiência de ter visto os trechos sem legendas e legendados. *

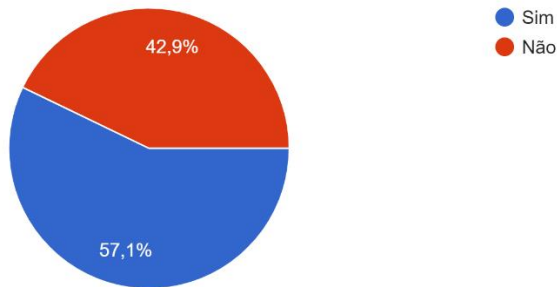
ANEXOS

ANEXO A – RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES REFERENTES AO QUESTIONÁRIO DE AUTO AVALIAÇÃO

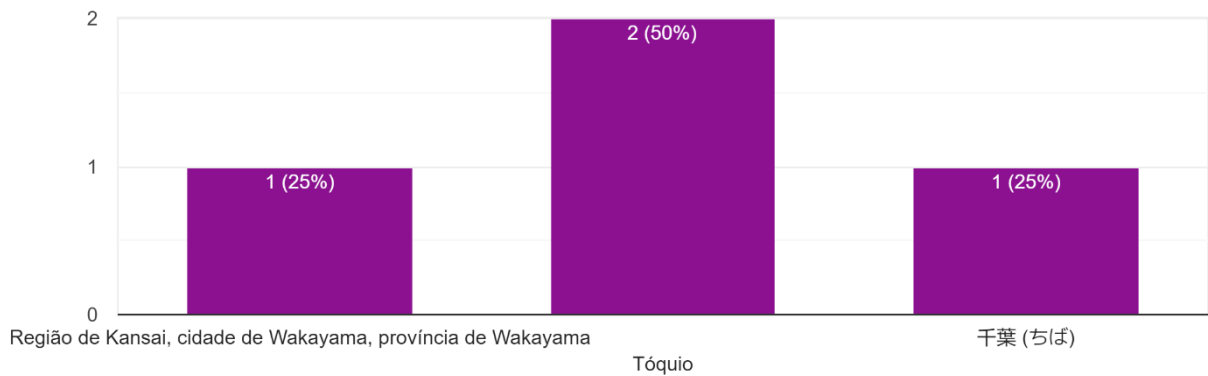
Você concorda com os termos esclarecidos acima ?
7 respostas



Você já fez intercambio para o Japão alguma vez na vida?
7 respostas

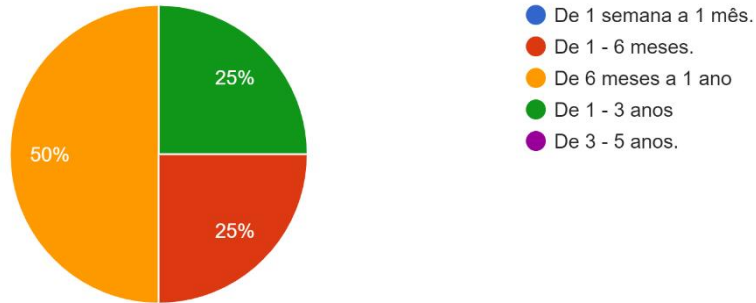


Se sim, para qual região e cidade você foi?
4 respostas



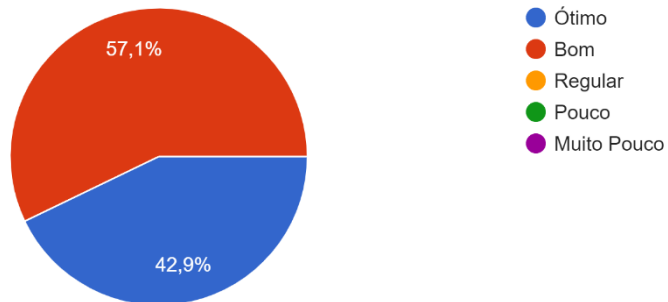
Se sim, quanto tempo durou seu intercâmbio?

4 respostas



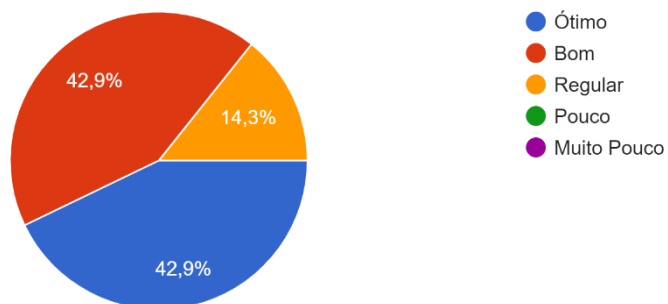
Qual foi sua compreensão dos trechos apresentados ?

7 respostas



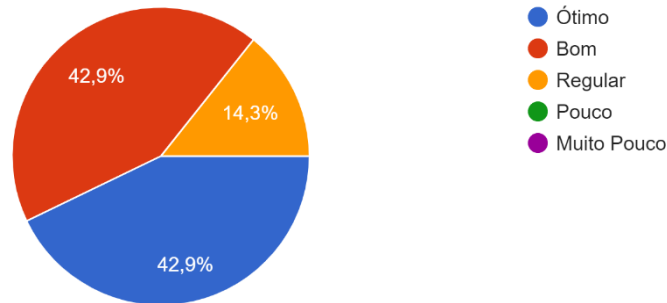
Como você avalia seu desempenho no aspecto vocábulo referente ao vídeo?

7 respostas



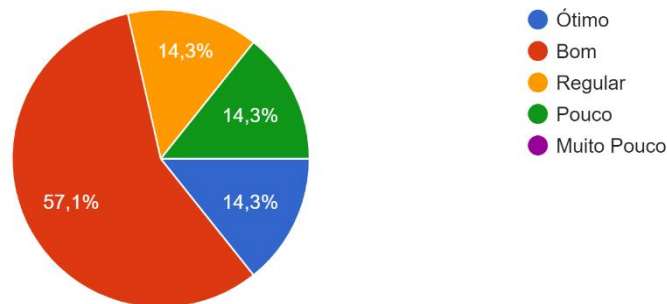
Como você avalia seu desempenho no aspecto gramática referente ao vídeo?

7 respostas



Como você avalia seu desempenho no aspecto fonética e fonológica referente ao vídeo?

7 respostas



Você poderia dizer porque você teve ou não a compreensão desejada?

- Falta um conhecimento maior de vocabulário.
- Porque tive e tenho contato com o dialeto em questão e estou acostumada a ouvir conversas da forma como os atores conversavam no vídeo.
- A linguagem utilizada era fácil e, mesmo com a presença de dialetos, estes não vieram a atrapalhar a compreensão geral do que se era dito.
- O aspecto gramatical costuma ser sempre similar, independente do dialeto. Porém, a pronúncia é bastante distinta e, nesse caso, acelerada e "cortada". Mais do que a forma diferente que uma palavra pode ter em um dialeto, o que pode dificultar a compreensão oral é a velocidade que tal palavra é pronunciada.
- Em alguns momentos foi devido ao vocabulário e a velocidade da fala, como por exemplo quando falam no deus da oportunidade e sobre ele ter franja e ser careca atrás, são vocabulários que ainda não estou muito acostumada.
- Acredito que por conhecer pessoas que usam esse dialeto, não tive muitas dificuldades em entender.

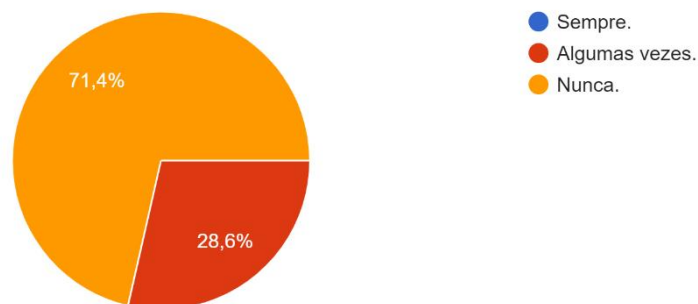
- Apesar de compreender o contexto como um todo, assim como os vocábulos do japonês "padrão", o dialeto atrapalhou um pouco na compreensão. Por se tratar de um dialeto específico, as frases contêm estruturas que desconheço.

Você sabe dizer o que é um dialeto/ Hogen (方言) ?

- É uma variação linguística de um idioma que está restrita em uma determinada área.
- Dialeto é a forma como as pessoas de uma região falam, modificando fonemas e usando vocabulário mais específico da região e que estão inseridos na cultura de tais pessoas.
- Sim
- É uma forma de se expressar uma língua em uma determinada região. Isso pode incluir pronúncias diferentes, palavras modificadas ou até mesmo completamente novas, ritmo de fala, etc.
- São variedades linguísticas presentes na fala/escrita de determinada região.
- Seria como se fosse o sotaque de alguma região acrescido de palavras regionais.
- Sim. É um conjunto de características linguísticas (fonéticas, fonológicas, etc) que definem a forma como uma determinada língua é falada em um determinado local.

No ensino de língua japonesa, em alguma disciplina você estudou a língua não padrão?

7 respostas



Você sabe identificar em qual região se utiliza o dialeto mostrado no vídeo? (Hogen/方言)

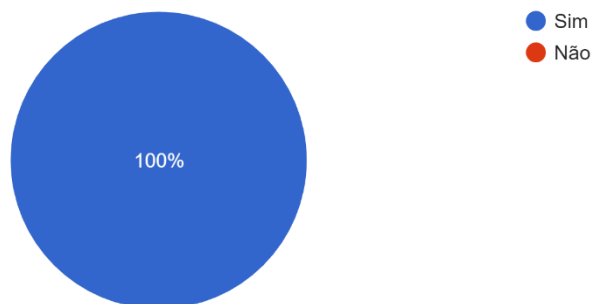
- Kansai
- Região de kansai
- Não
- Osaka
- Sim, dialeto de Osaka.
- Acredito que seja Kansan-ben de Osaka.
- Osaka. Apesar de nunca ter estudado com detalhes este dialeto, já ouvi muito associações da terminação へん sendo atribuídas a este dialeto.

Você sentiu falta desta experiência de alguma forma durante seu curso?

- Devo admitir que não senti muita falta, apesar de perceber a ausência deste tipo de conteúdo.
- Sim. Mas até mesmo no Japão, não tive contato com a língua não padrão dentro de sala de aula. Apenas conversando com amigos e vivendo na região pude desenvolver a habilidade de entender e usar o dialeto.
- Não
- Sim. Somente fui ter contato com a gramática de um dialeto diferente (no caso, o de Kansai) quando estava em Tóquio, em uma matéria que tive na faculdade. Ou seja, quando já conhecia pessoas de vários lugares do Japão com dialetos distintos, e não antes de ter essa experiência.
- Não diretamente, mas acho que é interessante abordar as variantes para o aluno ter uma maior compreensão da língua como um todo.
- Sim, acho que assim como qualquer idioma é importante conhecermos variantes do idioma estudado
- Com certeza. Acho que o curso de japonês da Universidade de Brasília é de excelência. Todavia, há sempre algo que pode ser melhorado. Senti falta, durante a graduação, de aulas voltadas para a fonética e fonologia da língua japonesa, também de aulas com foco nas características de pitch ("tom") e aulas mais dinâmicas que ensinassem (ainda que o básico) sobre esses diversos dialetos que existem no Japão. Muitos desses aspectos foram abordados nas aulas de Prática Oral e Escrita da Língua Japonesa, mas, talvez, não de forma detalhada.

Na sua opinião é importante os futuros professores saibam da existência de Hogen/方言?

7 respostas



- Com base na resposta anterior comente o motivo de selecionar sim ou não.

- Um professor de línguas deve mostrar aos seus alunos todos os lados e características de uma língua, incluindo 方言. Talvez não seja necessário ensinar, mas o professor deve incentivar o estudo de 方言.
- É importante que os professores conheçam e entendam pelo menos o mínimo da língua não padrão e dos dialetos, já que é muito usado pelos falantes nativos.
- Mesmo não tendo o completo domínio do 方言 em questão, é extremamente mandatório que um professor saiba compreender que determinada estrutura fora da curva trata-se de um dialeto. Feito

isto, um posterior estudo individual pode ser realizado com facilidade, e as dúvidas, sejam discentes ou docentes, sanadas.

- Os professores precisam saber da existência e variedade dos hogen para poderem, eles mesmos, apresentar esse aspecto da língua japonesa para seus alunos. Muitas vezes um professor é julgado por não ensinar determinado conteúdo ou aspecto cultural para seus alunos, mas o docente nem ao mesmo cogita tal aspecto porque não foi ensinando-lhe em primeiro lugar.
- Creio que como professores de japonês, necessitamos compreender a língua bem para poder transmitir ao aluno, se não soubermos ao menos um pouco sobre os dialetos, o professor pode não conseguir sanar uma dúvida pertinente do aluno.
- Acredito que sabendo da existência de Hogen, amplia os horizontes do idioma e mostra as diferenças e variações que podem aparecer, tanto no vocabulário como na pronúncia.
- Como futuro profissional da área de língua japonesa, o estudante deve estar a par das variantes do idioma. Se um dialeto é algo que pode atrapalhar na compreensão (até certo nível) de um idioma, é necessário que se entenda sobre o assunto para compreender ainda mais a língua como um todo. Doravante, estudos acerca desses tópicos enriquecerão ainda mais o curso de licenciatura em língua e literatura japonesa.

Na sua opinião qual a importância de Hogen/方言 no ensino de língua japonesa?

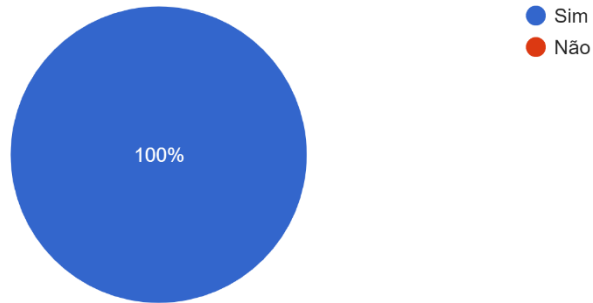
- Como o propósito principal de qualquer língua é a comunicação, aprender as variações linguísticas de qualquer língua ajuda na sua compreensão e expande a capacidade de se comunicar. Além disso, o 方言 também contribui para a aproximação do estudante com a cultura japonesa, já que as peculiaridades do 方言 apresentam detalhes importantes sobre a história da região em que é falado.
- É importante para que os alunos consigam apreciar um pouco melhor a cultura e entendam que cada região do Japão tem suas particularidades e culturas.
- Trabalhando a cadeia do nosso curso como o tronco de uma árvore, é importante ter consciência no tangente à existência de suas ramificações, isto é, galhos. Gramática é importante, mas pragmática é tanto quanto. O ensino e estudo de dialetos deve ser ofertado optativamente para aqueles que assim quiserem.
- Quando se vai a um país - nesse caso, o Japão - não se encontra somente o dialeto padrão que é ensinado tipicamente nos cursos de língua estrangeira. Até mesmo em Tóquio, que usa o dialeto padrão, você provavelmente irá interagir com pessoas de todos os lugares do Japão, que nem sempre usarão o hyojungo. Para que os estudantes da língua possam interagir com essas pessoas com confiança, eles precisam ter entrado em contato com o dialeto anteriormente. Além disso, o dialeto tem uma importância cultural e de representatividade, uma vez que ele traz a história da sua região e do seu povo consigo. É difícil ensinar um dialeto sem primeiro apresentar a cultural da região, o que é de extrema importância para os alunos de língua japonesa que muitas vezes só têm contato com a cultura pop de Tóquio.
- Não creio que deva ter um foco muito grande, é necessário que se foque no ensino da língua padrão, mas acho interessante e bem vinda a experiência de apresentar esses dialetos ao aluno para que ele saiba de sua existência e esteja preparado para eventuais contatos com os dialetos.
- Acho importante mencionar a existência e ensinar as variantes junto, para que saibam que não existe só uma forma certa de falar.

- Como já mencionado anteriormente, entender sobre dialetos auxilia na compreensão da língua como um todo. Dialetos fazem parte da cultura de um determinado local da língua japonesa e ajudam os estudantes a entender como se deu o processo de evolução e adaptação do idioma em diferentes lugares.

ANEXO B – RESPOSTA DOS PARTICIPANTES REFERENTES AO QUESTIONÁRIO DE PERCEPÇÃO DE VOCÁBULOS

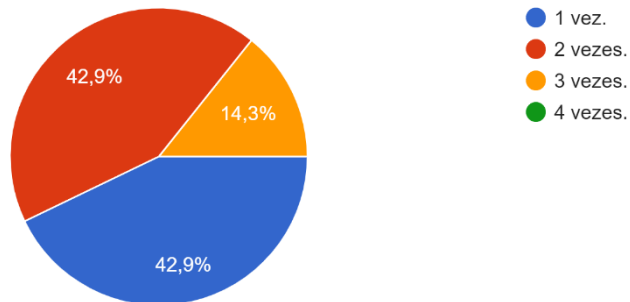
Você concorda com os termos esclarecidos acima ?

7 respostas



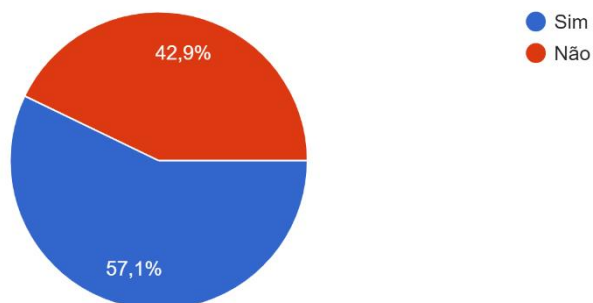
Quantas vezes você assistiu o vídeo?

7 respostas



Você já fez intercambio para o Japão alguma vez na vida?

7 respostas

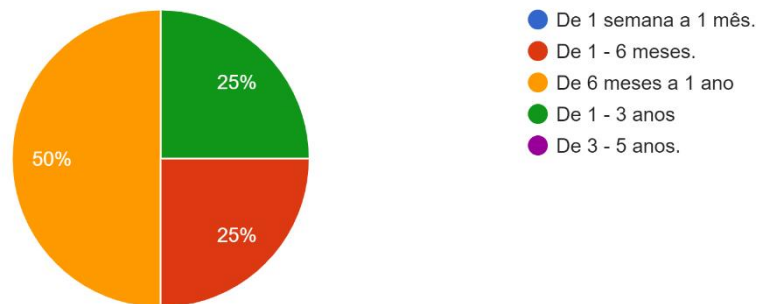


Se sim, para qual região e cidade você foi?

- Kanto, Tóquio
- Região de Kansai, cidade de Wakayama, província de Wakayama
- 関東地方(かんとうちほう) - 千葉市(ちばし)
- Tóquio

Se sim, quanto tempo durou seu intercâmbio?

4 respostas



Quais palavras você conseguiu compreender no primeiro trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

- あかんやろう (nesse contexto, "não faça isso")、せなあかん ("tem que fazer x")、やで (uma terminação de frase, como um よ)
- Okaasan (mãe), "Mou okita kara" (já acordei...), "Okiteru tte" (tô acordado...), Akan (não pode, é proibido), "Atama wa daiji ni sena akan" (tem que cuidar da cabeça, da mente), "Kana no kashikoi atama ga aho ni natte shimau ya na" (a inteligência da Kana vai embora e vai acabar ficando lerdinha), beppin (mulher bonita), "Ojiichan mo iuteru de" (eu, o avô, também digo/estou dizendo isso)
- おかあさん - Mae, もう - Já, 起きたから - Acordamos, 起きてるって - Estou acordado, よし - Certo, おはよう - Bom dia, バカヤロー - Idiota, あたま - Cabeça, だいじ - Bem, せなか - Costas, おばあちゃん - Avó, だけ - Somente, おじいちゃん - Avô, 家 - Casa, 住んでいます - Moram
- あかん S: negação? やれ S: desu? べ? S: ___? ほれ S: ___?
- やん - O mesmo que よ, para indicar certeza ou dar ênfase.
- akan - não pode sounan - é mesmo? aho - idiota/burro beppin -
- や (Utilizado para eventualmente substituir as partículas わ、だ、か e が)、へん (Utilizado para negação)

Quais palavras você conseguiu compreender no segundo trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

- 元気のう ("triste", "pra baixo"), くれへん ("não faz x" ou くない), ほんま ("sério", "de verdade", "é mesmo"), アホ ("idiota" não é exatamente só dialeto, mas nesse caso pode configurar como), ほれ ("olha")
- "Umai mon wa shiawase no moto" (coisas gostosas são o princípio/a base da felicidade), arashi (tempestade), aho (bobagem), "Ashi dashite mi" (mostra o pé), honmaya (verdade!), "Uchi no mago ni chigai nai" (com certeza é minha neta)
- げんき - Bem, 嵐 - Tempestade, 来る - Vir, 何 - O que, 言って - Dizendo, 同じ - Igual (o mesmo), 形 - Formato, うちの孫 - Minha neta, 違いない - Sem dúvida, おいしい - gostoso.
- どうしたんや S: どうしたの? がな S: そう? へん S: ない? ね S: ない? み S: てください? ほれ S: ほら? や S: です? ほんまや S: ほんとうです? な S: ね?
- や - O mesmo que です/だ. へん - Flexão negativa do verbo, mesmo que ない. てみ - O mesmo que してみる.
- dashitemin - tira pra ver hore - olha! honma - verdade
- や (Utilizado para eventualmente substituir as partículas わ、だ、か e が)、へん (Utilizado para negação)

Quais palavras você conseguiu compreender no terceiro trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

~へんねん ("não faz x" ou o ~ないの? do hyojungo)、ちゃう ("não é?")

Onaka (barriga), hashiri mawattete (correndo por aí), "Nande matehen nen" (por que não esperam?), Anta (você), Chotto zutsu tte doiu koto ya nen (o que quer dizer com "um pouco de cada vez"?)
 おいしい - gostoso, ここ - Aqui, 一番 - Melhor (ou primeiro), やっぱり - Realmente, おかあさん - Mae, あんた - você informal (あなた), おなか - barriga, いる - Estar, とき - momento (quando),
 な S: ね へん S: ない

やん - O mesmo que よ, para indicar certeza ou dar ênfase. へん - Flexão negativa do verbo, mesmo que ない. ちゃう - Não sei ao certo, mas acredito que significa algo como "não é?"

iran - não quero matehen - não espera

や (Utilizado para eventualmente substituir as partículas わ、だ、か e が)、へん (Utilizado para negação) e verbo apresentado somente na forma incompleta (見), sem qualquer alteração semântica aparente

Quais palavras você conseguiu compreender no quarto trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

- 口きかんかって ("não conseguia falar")、しもって ("acabou fazendo x")、そうやけど ("entretanto")、仲よう ("amigos" ou "se dar bem com")、なっでもうた ("acabou acontecendo/se tornando x")、知つとる ("sabendo" ou "saber")
- Natsukashii wa (que saudade...), kyoku (música), dansu hooru (dance hall, pista de dança), "Ojiichan no ashi fumi makutte" (pisei no pé do (seu) avô), omimai (visita às pessoas que estão doentes/hospitalizadas), "Dan dan nakayou natte" (fomos ficando próximos...), shittoru (conhece, sabe)
- なつかしい - Nostálgico, この曲 - Esta canção, 初めて - Pela primeira vez, 一緒に - Juntos, ダンスホール - Salão de dança, でも - Mas, ある - ter, 日 - Dia, 踊り - Dançar, 誘ってくれて - Me convidou, 緊張して - Ficar nervosa (ansiosa), 難しい - Difícil,
- ねん S: __ ありや S:信じられない えん S: ましたとる S: ている
- や - O mesmo que です/だ. ありや - Nossa!
- fumimakutte - pisar nattemotten - nasceu
- や (Utilizado para eventualmente substituir as partículas わ、だ、か e が)、へん (Utilizado para negação)

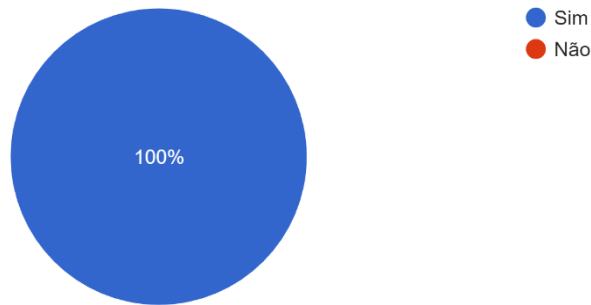
Quais palavras você conseguiu compreender no quinto trecho? Por favor digite a palavra e o significado.

- やな ("não é?" como terminação)、ほんまやで ("é verdade")、Verbo+とる (ação contínua como o ている)、さいなら ("tchau")
- Nande (por que?), "Honmaya de" (é verdade, viu?), sutoresu (estresse), iihin (não está), oneechan (irmã mais velha), "debu ni natte" (engordou), "Anta ni wa anta no jinsei ga aru shi" (a sua vida é sua vida), "Anshin shita wa" (fiquei (mais) tranquila)
- あんた - Você, 出ていて - Sair, 家 - Casa, 髪の毛 - Cabelo, おねえちゃん - Irmã, 連れ込んで - Trazer, デブになって - Ficar gorda, ひきこもり、安心 - Tranquila, 帰る - Voltar
- ほんまやで S: ほんとうです さいなら S: さようなら
- や - O mesmo que です/だ. さいなら - O mesmo que さようなら.
- nande - por que? anta - você debu - gordo sainara - tchau/adeus
- や (Utilizado para eventualmente substituir as partículas わ、だ、か e が)

ANEXO C – RESPOSTA DOS PARTICIPANTES REFERENTES AO QUESTIONÁRIO FINAL

Você concorda com os termos esclarecidos acima ?

7 respostas



Ao assistir os trechos com legenda em português você achou que teve alguma diferença com o que você compreendeu?

7 respostas



Por favor, comente um pouco sobre a experiência de ter visto os trechos sem legendas e legendados.

- Em alguns momentos no vídeo sem legenda, foi difícil entender o que os personagens diziam por conta do som/da voz baixa. A legenda ajudou nesse aspecto e também a entender um pouco melhor alguns contextos. Mas, no geral, conseguir entender 90% dos trechos sem legendas.
- Ao assistir os trechos sem legendas, foi possível entender o contexto geral da maioria deles. Todavia, quando assisti os trechos legendados, a compreensão de estruturas afirmativas, negativas, imperativas, etc. se tornou mais nítida. Isso, em casos onde só se modificam o final das frases. Por outro lado, algumas palavras e/ou expressões que se modificam por completo (dado o dialeto) são mais difíceis de compreender sem legendas, pois depende muito mais de

informações extras (como o contexto) para exprimir seus significados. Ainda que as legendas facilitem o entendimento dos diálogos, uma vez que se trata de tradução, muitos aspectos relacionados a costumes e situações se perdem, pois o ouvinte não está inserido naquele contexto.

- Por estarmos acostumados com o "japonês padrão", entender diálogos carregados de sotaque exigem mais para compreensão. Alguns trechos *dá* para entender somente pelo contexto.
- A legenda ajudou a confirmar algumas partes que estava em dúvida se o significado de alguns 方 言 eram aquilo que eu estava pensando. Fora isso, consegui compreender boa parte dos vídeos sem o auxílio da legenda. Mesmo com a legenda, imagino que deixei algumas expressões e palavras para trás.
- Como consegui entender os trechos sem legenda, a experiência de vê-los legendados em seguida não foi muito diferente. Contudo, as legendas ajudaram nos trechos em que a compreensão fonética era mais difícil, como na cena em que uma gangue vai cobrar uma dívida com a moça grávida. Como os homens da gangue falavam muito rapidamente e com uma dicção um pouco falha, algumas palavras foram de difícil compreensão e conseguiram ser esclarecidas pelas legendas.
- Entendi melhor as palavras na compreensão oral, entendi mais informações que ficaram incompletas. Sem a legenda era como uma rádio com sinal ruim, às vezes entendia e outras vezes não entendia as palavras, mesmo conhecendo-as. Depois com a legenda entendi algumas palavras do diálogo em japonês e outras realmente não sabia.
- Houve muita diferença, pois legendado consegui compreender completamente todos os diálogos, em japonês sem legenda a compreensão foi menor, principalmente quando era a criança falando, pois entendia muito pouco da fala dela.